

PEÇAS TEATRAIS

Levi Hall de Moura

**Coleção Teatro
do Norte Brasileiro**

Dramaturgia Amazônida

Organizadores

Bene Martins

Mailson Soares

Zeffa Magalhães

Editora **PPGARTES**



PEÇAS TEATRAIS

Levi Hall de Moura

PEÇAS TEATRAIS

Levi Hall de Moura

Coleção Teatro do Norte Brasileiro

Organizadores

BENE MARTINS, MAILSON SOARES & ZEFFA MAGALHÃES

Programa de Pós-Graduação em Artes
PPGARTES-UFPA



Belém, 2022

Peças Teatrais Levi Hall de Moura

Coleção Teatro do Norte Brasileiro

Organizadores: **Bene Martins, Mailson Soares e Zeffa Magalhães**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: **Emmanuel Zagury Tourinho**

Vice-Reitor: **Gilmar Pereira da Silva**

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Pró-Reitora:

Maria Iracilda da Cunha Sampaio

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Diretora Geral: **Adriana Valente Azulay**

Diretor Adjunto: **Joel Cardoso da Silva**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

Coordenador:

José Denis de Oliveira Bezerra

Vice-Coordenador:

Alexandre Romariz Sequeira

EDITORA PPGARTES

Coordenadora Editorial: **Maria dos Remédios de Brito**

Assistente Editorial: **Larissa Lima da Silva**

COMITÊ CIENTÍFICO DESTA EDIÇÃO

Presidente da Comissão:

**Bene Martins (UFPA); Olinda Charone (UFPA),
Wladilene de Sousa Lima (UFPA), Marton Maués
(UFPA), Lúcia Gouvêa Pimentel (UFMG), Fernando
Antonio Mencarelli (UFMG), Tácito Boralho (UFMA),
Mirna Spritzer (URGS), Ananda Machado (UFRR),
Maria João Brilhante (Universidade de Lisboa-PT),
Berta Teixeira (Universidade de Coimbra)**

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO

Revisão textual:

Bene Martins & Mailson Soares

Capa, diagramação e editoração eletrônica:

Lúcia Lopes (Contato: lucialopesmatos@hotmail.com)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

M929p Moura, Levi Hall de.

Peças Teatrais Levi Hall de Moura [recurso eletrônico] / Levi Hall de Moura; Organizadores: Bene Martins, Mailson Soares e Zeffa Magalhães. — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes-UFPA, 2022. — (Coleção Teatro do Norte Brasileiro)

Modo de Acesso: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-39-5

1. Literatura brasileira - teatro. 2. Teatro brasileiro. 3. Arte e pesquisa. I. Martins, Bene, org. II. Soares, Mailson, org. III. Magalhães, Zeffa, org. IV. Título. V. Série.

CDD 23. ed. – 869.92

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585

Dedicatória

Dedicamos esta publicação à família Hall de Moura!

Sumário

Notas sobre Levi Hall de Moura	07
Prefácio por Bene Martins.....	09
Pós-fácio por Mailson Soares.....	109



Clique em cada item,
ao lado e abaixo, e vá
para a página desejada.

PEÇAS

MAIANDEUA	14
Música Joana da Barca (Letra e partitura).....	43-44
O LOBISOMEM	45
REINO ENCANTADO	61
MOÇA CASAMENTEIRA.....	71
LINHA DE CURA	81
SEVERA ROMANA	92
DUAS FAMÍLIAS PARAENSES	96

Notas sobre Levi Hall de Moura

Nascido em 1º de outubro de 1907, em Belém do Pará. Filho de Álvaro Rodrigues de Moura, guarda-livros da praça e de Angelina Hall de Moura. Fez o curso primário na cidade de Belém, na escola primária da professora maranhense Edmêe Zuila Silva. Fez o curso de preparatório no então “Ginásio Paes de Carvalho”. Em 1920, com 13 anos de idade, secretariou o “Estado do Pará Infantil” (Estadinho) que editava semanalmente com o matutino “Estado do Pará” e de onde era redator principal, o seu irmão mais velho, José Ribamar Hall de Moura. Quando aluno do então ginásio “Paes de Carvalho”, no seu último e quinto ano de preparatório, foi redator principal do “GPC”, mensário do corpo discente daquele estabelecimento de ensino. Terminou seu curso de preparatório com distinção em português, história universal e filosofia.

Formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito do Pará, tendo colado grau em 1º de janeiro de 1934, foi orador oficial da solenidade. Exerceu as funções de escrivão de polícia, promotor público da capital, consultor jurídico do governo do Território do Acre, advogado de ofício da Justiça Militar e pretor do Termo de Mocajuba, Município do Estado e juiz de direito por concurso. Foi professor de português da Academia Livre de Comércio da Fênix Caixerel Paraense, deste estado, do Ginásio Acreano, da Escola Normal do Rio Branco, no Acre, do Colégio Estadual Paes de Carvalho em Belém. Foi ainda professor de diversas disciplinas em Belém.

Inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, militou por muito tempo, na condição de advogado, na Justiça comum, eleitoral, trabalhista, militar, em Belém. Jornalista profissional. Pertencente a Academia Paraense de Letras, na cadeira Bruno Seabra. Publicou largamente nos jornais e revistas de Belém do Pará e do Sul do país. Trabalhos de ficção, poesias, crônicas, ensaios, críticas literárias, estudos de folclore, política e economia, estilo e linguística.

Em 1957, publicou o livro “Esquema da Origem e da Evolução da Sociedade Paraense”, ensaio de história, sociologia, etnologia, religião, filosofia, política, linguística. Tem um romance publicado: “O Terreno e o Infante”. Publicou na imprensa paraense vários trabalhos teatrais, entre os quais: “Duas Famílias Paraenses”, “Símbolos”, “Maiandeuá”, (1ª vez encenada em 1977 pela Federação de Teatro Amador do Pará – FETAPA, sob a direção de Cláudio Barradas e, recentemente, em adaptação, encenada pelo Grupo de Teatro da UNIPPOP, sob direção de Alexandre Luz); “O Lobisomem” (peça sem nenhum personagem), “Sangue para a Paz” e o “Reino Encantado” (Peça Infantil).

Pertence à Associação dos Magistrados Brasileiros, à Associação dos Juízes do Estado do Pará, do qual foi um dos fundadores, à Sociedade dos Amadores de Astronomia do Pará, à Associação Paraense de Estudos Letárgicos. Tem curso de extensão universitária de História da Medicina, de Linguística, de Psicologia, de História da Amazônia. Publicação póstuma: “Oceano Perdido”, Romance.

Falângola Editora, 1986 e o “Papel das camadas médias nas revoluções de classe”, ensaio sociológico. Editora Cejup, 1986. Morreu em 24 de abril de 1983. Em 2007, foi homenageado pela Academia Paraense de Letras, no transcurso de seu centenário de nascimento, na Semana Cultural XI versão. Em 2012, foi o dramaturgo homenageado, pelo III Seminário de Dramaturgia Amazônica, uma produção do projeto de pesquisa: “Memórias da Dramaturgia Amazônica: Construção de acervo Dramatúrgico”.

E, finalmente, suas peças teatrais reunidas em e-book, 2022-Ed. PPGARTES-UFPA.

Prefácio⁽²⁾

Por Bene Martins⁽¹⁾

O *Projeto memórias da dramaturgia amazônida: Construção de acervo dramático* teve início em 2009, sob minha coordenação, professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA)⁽³⁾, do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGATES) e da Faculdade de Dança (FADAN). Nesta incluímos estudos da dramaturgia da dança. A expansão do projeto foi/é consequência das buscas constantes por dramaturgos(as) e suas peças. Triste é constatar o quanto dessas memórias já foram perdidas por falta de tratamento adequado. Por esta constatação das perdas é que elaboramos o projeto de pesquisa para reunir textos teatrais dos amazônidas, tratar e publicar o acervo.

Para divulgar o acervo e ações do projeto, deste 2010, realizamos *Seminário de Dramaturgia Amazônida*, a partir do VII, a programação passou a incluir convidados estrangeiros, o que configura, entre outros itens, o evento como internacional. Pois bem, cada seminário homenageia um dramaturgo(a) amazônida. Em 2010, realizamos o primeiro seminário e o homenageado foi o dramaturgo, Nazareno Tourinho, deste já publicamos a obra completa⁽⁴⁾. Em 2011, segundo seminário, o dramaturgo homenageado foi Ramon Stergmann, já publicamos v. 1 e 2⁽⁵⁾ com diversas peças e o v. 3 sairá em 2022. Em 2012, o dramaturgo homenageado foi Levi Hall de Moura, suas peças, finalmente, reunidas neste e-book-2022 estarão no site do Programa de Pós-graduação em artes (PPGARTES-UFPA). Assim, pretendemos publicar as peças de todos os dramaturgos homenageados.

(1) Professora pesquisadora da UFPA. Pós-doutorado em Estudos de Teatro (Universidade de Lisboa). Doutora em Letras (UFMG). Atua na Faculdade de Dança e no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES-UFPA). Coordenadora do projeto de pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônida: Construção de acervo dramático. (behneafonso@gmail.com; bmartins@ufpa.br).

(2) As publicações da coleção Teatro do Norte Brasileiro, recebem o mesmo prefácio, com adequações para cada autor e/ou coletânea, para que o leitor, ao ler uma ou outra, compreenda a finalidade do projeto de pesquisa: Memórias da dramaturgia amazônida: Construção de acervo dramático.

(3) “Atuei na escola nos cursos Técnico em ator – 2005 a 2010 – e Licenciatura em Teatro – 2009 a 2022 – Licenciatura em dança – 2008 até o momento”.

(4) Peças Teatrais de Nazareno Tourinho. Org. Bene Martins. Belém: CEJUP, 2014.

(5) https://drive.google.com/file/d/1GyhRI-ofJERnQ_yT05SnN67gCmrTuTfG/view (v.1.)
https://drive.google.com/file/d/1jMxZxhw91HUc4LINDCXQkhT0A-_kmOWL/view (v.2.)

Em 2016, o escritor e homem de teatro, Márcio Souza foi o homenageado. A partir de então, tornou-se parceiro fundamental do projeto. A primeira proposição dele foi a criação da *Coleção Teatro do Norte Brasileiro*, cujas publicações seriam organizadas pelo nosso projeto. Esta coleção tem duas linhas de publicação, uma por autor, a exemplo da obra completa de Nazareno Tourinho, Ramon Stergmann, Edgar Proença – impresso – e Levi Hall de Moura; outra de coletânea com diversos autores, a exemplo das citadas abaixo.

Coletânea teatro do Maranhão, 2019⁽⁶⁾; *Coletânea Jovens dramaturgos(as) amazônidas*, v. 1, 2020 e v. 2, 2021⁽⁷⁾, em 2022, sairá o v. 3. Todos em formato e-book. Além do belo livro, sobre uma das peças do nosso Nazareno Tourinho. *Nó de 4 Pernas: A tessitura de uma experiência de teatro multimídia em Belém do Pará* / Fábio Limah, meu orientando no mestrado em artes-UFPA; artigos diversos já publicados sobre peças do acervo, e os livros memória dos seminários, memória 1, textos apresentados nos seminários 1 ao 6; memória 2, textos do VII; memória 3, textos do VIII, memória 4, com textos dos palestrantes do IX seminário⁽⁸⁾.

Publicações agora ampliadas com esta obra completa de Levi Hall de Moura, com sete peças, livro organizado por Bene Martins, Mailson Soares e Zeffa Magalhães. Iniciamos com Maiandeuá. Sobre essa peça Cláudio Barradas, assim a louvou: “(Ah quão poética! Que beleza! Quanta Força! Urge montá-la o mais breve possível!). Paschoal Carlos Magno foi um deles – que tiveram oportunidade de lê-la. E note-se: não é a única de seu autor, havendo dele, pelo menos mais seis, todas virgens de palco” (BARRADAS, citado no memorial escrito pela família Hall de Moura).

Vale destacar comentários sobre e fragmentos das peças, para chamar mais atenção do leitor e indicar um pouco sobre a escrita para os palcos, deste escritor que transitou por diversas modalidades da literatura. Nessas citações metalinguísticas do autor, ele, por vezes, explica, ironiza, parece divertir-se com o que fala sobre seu processo de criação textual.

(6) Tácito Borralho, colaborador do projeto, fez questão de que a coletânea constasse nesta coleção, segundo ele, Maranhão é metade norte, metade nordeste (já é uma indicação de que a coleção será estendida para o nordeste em breve).

(7) <https://drive.google.com/file/d/1QAcex8uXDGIArrjQplOitKxHFHbyLyVf/view> (v. 1.). A ser disponibilizado no mesmo site, o (v. 2.)

(8) Conferir página: <https://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/> (pesquisa – produção intelectual, lá constam inúmeras publicações da Editora PPGARTES-UFPA).

Maiandeu encantou o homem de teatro Paschoal Carlos Magno.

Declaração de Paschoal Carlos Magno: Uma das coisas que muito me obsedam é a descoberta de um autor novo. Sou dos que lêem peças que me mandam de todas as partes do Brasil. Li aqui (Belém) a peça MAIANDEUA de Levi Hall de Moura, publicada em 1955 numa revista da Academia Paraense de Letras, cujo título ficaria melhor se fosse JOANA DA BARCA. Se por acaso reabrir o Teatro Duse, no Rio, esta peça fará parte de seu “repertório”⁽⁹⁾.

Lobisomem

Nota do autor: Já se fizeram peças com muitos personagens. O teatro coletivo. O diálogo das multidões. O Coro grego. O melhor Shakespeare, Ibsen. O drama soviético. Criou-se a peça de um só personagem. Fusão do antigo monólogo com a antiga pantomima, duas formas elementares de teatro, juntas, formando o desenvolvimento de uma peça. Crio, agora, o teatro sem nenhum personagem... em cena. Que tal?

Reino Encantado - Diálogo entre as irmãs

Você não se recorda daquele conto de Anatole France que papai costumava ler, em que havia aquela estória de Pedrinho em que este falava de um mundo desconhecido, cujas sombras e silêncio infundiam-lhe medo e atração? E que, na adega da casa onde moravam, uma porta inquietava-lhe o olhar; era, mais ou menos, igual as portas, das outras adegas. Mas, ao contrário daquelas outras portas, jamais fora aberta; tinha a fechadura enferrujada; minhocas moviam-se nas fendas de sua madeira meio podre. E era esse mundo desconhecido que inspirava a curiosidade ao pequeno Pedro e alentava-lhe os sonhos!

A moça casamenteira

Avó (levanta-se, apoiada no bastão ao Coro das 6 jovens) – Foi um casamentão. Doce, minhas filhas, doce porção. Eu até vinha trazer um bocado de doce para vocês. Mas, já estou muito velha com as pernas faltando. Acontece que escorreguei e o doce caiu tudo no chão e se estragou. Eles se casaram e foram muito felizes. Acabou-se a história e vai-se a vó Vitória. Entrou pelo raio do sol, saiu pelo rabo da lua. Quem souber que conte outra.

⁽⁹⁾ Citado no memorial escrito pela família Hall de Moura.

Linha de cura

Nota do autor: “Ninguém procure encontrar, aqui, a vida real, na sua mais flagrante fidelidade. Além de obra de ficção, é, como se disse bem, uma fantasia. Símbolo, portanto. Trata-se de uma realidade material, objetiva, concreta, mas vista através de um temperamento, sob o manto diáfano do simbolismo”.

Severa Romana

Nota do autor: Espera-se que espíritos arejados não vejam aqui, como não viram no trabalho anterior “Linha de Cura”, sombra de sacrilégio, menoscabo a cultos religiosos, nem deformação da verdade ou realidade, como se queira chamar ao objetivo-subjetivo refletido. O autor é daqueles a quem parece que o único alvo de toda obra que queira efetivamente ser artística, é refletir a realidade, e não trazer nenhuma mensagem do autor ou divulgar-lhe as intenções. Daí ser exigida, imposta, a autenticidade desse reflexo da realidade em toda obra de arte. Mas onde, então a liberdade de criação? A liberdade de criação patentear-se-á nas mil e uma formas em que aquele reflexo manifestar-se, e que vai desde a simples e pura objetividade, por meios de imagens, ao símbolo e à abstração. Quanto à mensagem não é o autor quem a traz.

Duas famílias paraenses

Nesta comédia, dois tipos de famílias vizinhas vivem seus problemas como se estivessem num mundo de faz de conta, ambas aparentam ser o que talvez não sejam, ambas têm conflitos, naturalmente, o que elas têm em comum, é a mania de observar, comparar e se importar com o que os vizinhos dirão sobre seus comportamentos. A fala do dr. Gabriel explicita parte das intrigas preconceituosas:

Não, minha mulher! Não continue a traçar esse paralelo odioso entre mim e o vizinho Augusto, que isso me ofende! O “decaído” Augusto não se poderá comparar nunca a esse seu criado. O “decaído” Gabriel! Eu tenho dignidade e ele não tem! Eu tenho vergonha, tenho sentimento, minha mulher! Eu não me presto a bajular governos, que só premiam a subserviência! Quero continuar altivo na minha pobreza honesta, sem ostentações inúteis! Para que procurarmos nos sacrificar, se esse sacrifício é feito unicamente com o intuito de atender as solicitações de ridículas e absurdas vaidades? Izaura! É preciso aprender a ser pobre, minha velha! Se a Revolução de Outubro nada mais tivesse feito pelo país, eu ainda a bem diria, tão somente, por isso: pela grande lição de humildade e de renúncia que ela me trouxe! A os-

tentação, minha mulher, cobra caro, cobra com juro, aos seus adoradores, aquele instante de ilusório triunfo! E às vezes com o preço de sabe-se lá quantas humilhações paga-se o afastamento de uma humilhação só! (sentando-se e embalando-se na cadeira). E como eu estou satisfeito! Até que enfim esse pessoalzinho de arrelia, com a sua ausência, vai conceder-me momentos de tranquilidade e de frutuoso estudar (levanta-se e sai).

A mim, muito me orgulha contar com a confiança e colaboração da família Hall de Moura, para que estas peças venham a público. Agradecimento especial ao senhor Maurílio Moura, filho do Levi; ao Virgílio Moura, neto; à Marinilda Moura que, gentilmente, repassou o memorial com todas as escritas do autor, poesias, crônicas, críticas literárias e estas peças de teatro. Naturalmente, que todo o material escrito por Levi precisa ser publicado!

Com muita gratidão.

Boa leitura!

MAIANDEUA

Maiandeua⁽¹⁰⁾

Peça em 3 atos / Época da peça: 1944

PERSONAGENS

Comadre Noca: 40 anos (magra e clara - estatura regular);

Comadre Coló: 50 anos (magra e escura);

Pedro: 13 anos (no 1º ato) / 20 anos (no 2º ato);

Lurdes: 20 anos (mulher de Pedro);

Vizinha Raimunda: 40 anos (gorda, clara e baixa);

Vizinha Luiza: 30 anos (morena);

Vizinha Sabá: 50 anos (preta retinta);

Matilde: 15 anos (filha de Coló e afilhada de Noca);

Joana: 19 anos (filha de Noca);

Loriana: 40 anos (mãe de Pedro);

Dr. Pinto Lobo / Dr. Xavier Vale: Quarentões médicos legistas;

Dr. Luiz Raul: 37 anos (advogado, jornalista e escritor);

Vizinhos Diversos: Guardas, curiosos, crianças e repórteres, aleijados, mendigos, doentes e mulheres);

Um Guarda Civil.

TEXTO

Aquela formosa lenda de Is, que Renan evoca em o prefácio de *Souvenirs d'Efance et de Jeunesse* e aquelas duas cidades submersas que Selma Langerlof nos aponta em a *Maravilhosa viagem*, de Nils Halgerson através da Suécia têm um correspondente tropical na lenda de Maiandeua, uma linda praia cheia de dunas, perdida nos limites de Marapanim e Maracanã. A cidade encantada que os pescadores da Bretanha acreditam existir no fundo das águas e da qual ouvem os possantes carrilhões, aparece à imaginação de nossos praianos com o mesmo fascínio e a mesma galanteria. (Vocabulário de Crendices Amazônicas – Osvaldo Orico).

(10) Federação de Teatro Amador do Pará (FETAPA). Belém, PA, 10 de janeiro de 1977.

Isso quanto à lenda de Maiandeuá, que é objeto dessa peça.

Quanto à Vila da Barca, a que essa peça se refere, magnífica reportagem do jornalista Flaviano Pereira no *O Estado do Pará*, sobre a Vila da Barca, um dos mocambos de Belém proporcionou ao autor o ambiente propício ao início da ação deste trabalho. Por isso acha-se o autor na obrigação, aliás prazerosa, de ligar aqui, ao seu, o nome do jornalista corajoso, dono de tão comoventes e sugestivas linhas sobre o abandonado recanto da cidade da política e da miséria.

Acontece que a fim de estimular a travessia do Atlântico por barco construídos no Brasil, a antiga firma paraense Manuel Pedro & Cia fez construir nos estaleiros que possuía no Bairro Curro Velho, em Belém, um grande barco de madeira que recebeu o nome de Pedro I. Foi essa primeira embarcação construída em o Norte do País, que atravessou o Atlântico, indo a Portugal, donde na quadra natalina trazia frutas e outros artigos próprios da época.

Finalmente, desgastado pelas frequentes e tormentosas viagens foi o barco abandonado às margens da baía de Guajará, entre o bairro Una e Curro Velho, onde a maré e o tempo se encarregam de o transformar. A Barcaça encostada à margem, sujeita à vazante e à enchente da maré, virou habitação coletiva, daquele pessoal pobre da redondeza que não tinha onde morar e se aproveitava da maré baixa para se alojar nos compartimentos do barco. O acesso à embarcação fez-se através de pontes improvisadas. Dentre em pouco, as pontes populavam e outras habitações surgiam ao lado dos camarotes. Deram um nome ao aglomerado Vila da Barca e, por isso, esse nome ficou conhecido.



1º ATO

(Interior de uma barraca de madeira na Vila da Barca, subúrbio de Belém do Pará. O interior da barraca é paupérrimo, três cadeiras de pau, uma mesa encostada à parede, folhas de revistas c/retratos de artistas de cinema e passagens de guerra. Ao fundo é a entrada da habitação, avista-se o mangue, pela porta aberta. Os açazeiros. As pontes toscas sobre a lama, ligando as casas. É tempo das marés grandes, das chamadas marés de equinócio. O mangue está cheio. Ouve-se no decorrer de todo o ato, o perene escachô das ondas, de encontro aos paus que suspendem, com palafitas, as barracas do solo e do lodo, e dá-lhes aparências de habitação lacustres. No decorrer de toda a ação do primeiro ato, percebe-se, não só a toada das vagas, batendo monotonamente, lá fora, conforme já se disse, como, e por muito tempo, até aproximadamente o meio do ato, escuta-se um canto triste de violeiros e músicas de violões que vem do mar...).

CENA 1

Comadre Coló e Comadre Noca

(A cena está vazia, ao levantar o pano, Coló aparece ao fundo na porta de entrada e bate palmas ao mesmo tempo que grita).

COLÓ

(Gritando). Comadre Noca ! Comadre Noca!

NOCA

(Aparecendo, porta à esquerda). Ah! É a comadre Coló! Entre, comadre!

COLÓ

A senhora tem um fósforo, aí, que me ceda, comadre Noca? O fogo danou-se pra não querer acender. Gastei os últimos três fósforos que tinha. O Benedito saiu sem me deixar dinheiro.

NOCA

Pois não, comadre! Vou buscar. *(Muda o tom).* “Seu” Benedito já está trabalhando?

COLÓ

Graças a Deus, comadre, o Dr. Jorge arranhou para ele um lugar no Curtume. *(Noca sai porta esquerda. Coló só vai até a porta da habitação, gritando para fora).* Matilde! Matilde! Olha esse menino aí!

NOCA

(Entrando pela porta esquerda). Está aqui o fósforo, comadre! (Entrega-lhe uma caixa de fósforo).

COLÓ

(Segurando a caixa de fósforo). Obrigado. Já lhe devolvo (Vai até a porta do fundo). Matilde! Matilde! Pega a caixa de fósforo! Acenda o fogo, e passe o café que eu não demoro! (Entrega o fósforo à alguém do lado de fora, volta-se para Noca). Mas não é, comadre, que a Matilde ia deixando o Raimundo cair n'água, agora mesmo? Se não fosse eu gritar daqui aquela lesa tinha deixado o irmão se afogar.

NOCA

Ah! É um perigo! Com essa maré cheia assim! Tempo ruim esse, comadre! A gente está sempre com cuidado nessas crianças!

COLÓ

Sim. É verdade... E por falar nisso, a sua, Joana?

NOCA

Até nem sei, comadre. Ela anda por aí com o Pedro! Dois pra gostarem de andar juntos! A minha Joana e o Pedro.

COLÓ

Esses dois se acabam casando.

NOCA

Eu até já disse que vou fazer o casamento deles.

COLÓ

E não estão escapos, não! E olha que era uma boa cousa. O Pedro *(Não é por ser meu sobrinho)*, mas é um menino muito direito. Bom filho. É o homenzinho da casa. Dá muito descanso a mana Loriania. A sua menina também *(Não é por está na sua presença)* é uma menina que a gente gosta de ver. Menina de modos. Quando os dois crescerem poderão muito bem se casar! Por que não? *(Noutro tom)*. Mas eu não sei como é que a comadre deixa essa menina sair com uma maré dessas!

NOCA

Eu deixei porque era com Pedro. Mas estou realmente com cuidado.

COLÓ

Pedro é uma criança. E, depois, com sua menina há aquilo que a comadre sabe. Ah! se eu tivesse uma filha assim, diz-que perseguida por gente que não é deste mundo, eu não deixava sair, principalmente perto de água.

NOCA

(Apreensiva). É. É muito perigoso *(Aproxima-se da janela ao fundo. olha para fora ansiosa).*

COLÓ

Quando há essas águas grandes eu me lembro sempre da Joana. É de quem eu me lembro logo. Eu, se fosse a comadre, não deixava Joana se afastar de si nesse tempo! Não está lembrada da maré grande de março? Quando ela veio correndo a dizer que tinha visto um casal de índios bonitos, batendo a mão pra ela, chamando ela, detrás do banheiro do finado João Souza, perto dos açaceiros?

NOCA

Estou. Estou lembrada.

COLÓ

Pois então! Não duvide, comadre.

NOCA

Eu não duvido. Eu sempre tive muito cuidado com Joana, justamente por causa dessas cousas. A comadre sabe que não é de hoje que o “mano” Manduca...

COLÓ

“Seu” Manduca Pagé?

NOCA

Sim. O Manduca sempre disse que eu tivesse muito cuidado com a Joana. Desde que ela nasceu que ele diz isso. Que a Joana era muito querida da gente lá deles. Da gente do fundo, a senhora não sabe?

COLÓ

Eu sei.

NOCA

Depois, o que não disseram quando essa menina era criança! Eu chorava, comadre, chorava para me acabar! Logo que ela nasceu, “mano” Manduca veio com as pagelaças dele, dizendo que os “mestres” tinham pedido a menina; que a menina não era deste mundo; que havia de trazer um sinal roxo entre os olhos...

COLÓ

E trouxe?

NOCA

Trouxe.

COLÓ

HEM!... HEM!... Com efeito!...

NOCA

Um vizinho meu, que era esotérico, me afirmou que a menina não se criava, porque nascera debaixo de vibrações dum tal de tátua da morte, sei lá! E quando ela teve varíola, aos três anos...

COLÓ

Ela teve varíola?

NOCA

Além de tudo quanto foi doença infantil; sarampo, escarlatina, catapora, papeira, coqueluche. Quando ela teve varíola, eu pensei que perdia minha filha! Chorava, comadre, chorava para me acabar! E a freira do isolamento dos variolosos ainda me veio dizer que ela tinha um aspecto de quem não se criava, e contar que havia sonhado com ela, já mocinha, mas no céu, penteando, com um lindo pente de prata, os cabelos de Nossa Senhora! E que sorria!... E que sorria!... Um sorriso de anjo ou de santa!...

COLÓ

Veja só, comadre! ...

NOCA

Depois, quando ela já tinha onze anos - o ano passado - um espírita (*o presidente daquela “seara” onde “seu” Benedito foi tomar “passes”*) - me disse que a Joana pre-

cisava “desenvolver-se” no espiritismo porque senão “desencarnava” brevemente. Imagine, comadre, os sustos que eu tenho passado por essa menina!

COLÓ

Com efeito, comadre!

NOCA

Depois, os sustos que ela própria me dava. Ainda “verdinha” a vida dela era escutar no chão, na terra, no soalho. Toda gente me dizia que não prestava criança andar a escutar no chão feito índio. Foi uma luta para tirar Joana desse hábito! Mas crescida, aos sete anos, tinha uns ataques ficava como morta. Era muito inteligente!

COLÓ

Não diga era. Era se diz para uma pessoa que já foi! Deus livre! Era e é.

NOCA

Sim. Era e é. Sempre foi. Não é por ser minha filha. Gosta muito de ler. O estudo é com ela. E principalmente de estudar cousa de religião, e ler histórias de fadas, de feiticeiras, de lobisomens. Tudo isso é pra deixar a gente impressionada. No outro dia saiu-se com essa história de Maiandeua.

COLÓ

Maiandeua, comadre?

NOCA

Sim. Diz - que uma terra encantada que fica entre Marapanim e Maracanã, onde há muitas praias. A senhora nunca ouviu falar nessa terra, comadre? Eu, me parece que tenho uma idéia. Se não me engano minha mãe falava nela.

COLÓ

Eu também já ouvi falar. É cousa do Fundo, comadre. Me lembro agora que mana Loriania tinha um compadre que quando se “atoava” a “toada” que ele “tirava” falava dessa Maiandeua. Falava de um cavalo Alazeua correndo na areia de Maiandeua!

NOCA

Justamente comadre! E não foi o que “mano” Manduca nos disse? Ele levou um bandão de tempo a conversar sobre isso com a Joana. E logo a Joa-

na, comadre, que não dispensa uma conversa dessa! Eu até já pedi ao Manduca que deixasse de meter essas cousas na cabeça de Joana. Joana é muito impressionada. Sabe o que ela me disse, nesse dia, depois que o tio saiu, comadre? Me disse que queria ir para essa tal de Maiandeuá!

COLÓ

Credo, comadre! Deus livre!

NOCA

E sabe mais o que ela me disse ontem? Que sonhou com a tal terra. Que lá não se passa fome como aqui, coitadinha! *(Suspira fundo)*.

COLÓ

(Com a voz presa). Credo, comadre! Até o corpo me arrepiá todo!

NOCA

(Profundamente comovida). Ainda hoje ela estava sentadinha no batente da porta com os olhos perdidos longe, com um livro de escola no colo. Sabe o que ela estava fazendo, comadre? Diz que vendo, no livro da escola, em que direção ficava a tal terra...

COLÓ

Eu, se fosse a comadre, teria muito cuidado com essa menina! *(Gritos e mais gritos. Ouve-se distintamente)*. Acudam! Acudam! *(Vozes de crianças, mulheres)*. Caiu n'água! Vai levada pela correnteza! Corram! Corram! *(Correrias pelas pontes e estas estremecem pelas correrias)*.

NOCA

(Empalidecendo). Meu Deus! Que teria sido, comadre?

COLÓ

(Soturna). A voz é de Pedro e das filhas do Raimundo Caldereiro! Que teria havido, meu Deus! *(Aproximam-se ambas da porta, desfigurada com o susto)*. A cousa é para os lados do curtume. Todos correm para lá. Felizmente estou vendo o Raimundinho com a Matilde.

NOCA

(Voltando-se para dentro tomada de terrível pressentimento). É com minha filha, comadre! É com a Joana!

COLÓ

(Voltando-se também). Deixe de tolice, comadre! Deus livre! Por que havia de ser com a Joana? Nem pense nisso! Não! Não! Meu Deus!

COLÓ

(Diz não, mas o terrível pressentimento de que é realmente com a Joana a domina, e lhe embarga a voz. por isso ela repete baixinho, como querendo convencer a si mesma, mas sem o conseguir). Não! Não!

NOCA

(Olhando a comadre, e percebendo que ela também pressentiu a terrível verdade, e apenas não quer dizer, de horrorizada, nem a si própria). É! sim, comadre! É com a Joana! É com a minha Joana! O meu pressentimento não me engana! Infelizmente! Não me engana! Joana! Joana! Joana! Minha filha! Minha pobre filha! *(Com as mãos na cabeça precipita-se soluçando para a porta do fundo).*

COLÓ

(Acompanhando-a). Sossegue, comadre! Confie em Deus! Comadre! Não há de ser com sua filha, comadre! Tenha calma! Vamos ver! A gente sabe logo! *(Entra Pedro pálido, aflito, sem poder falar, o olhar esgazeado para as duas mulheres. Lá fora continua o tumulto. Vozes).* Para o lado do curtume! Cuidado! A água está puxando muito! Traz a canoa! Encosta! Encosta! *(Outros gritos).*

CENA 2

(Os mesmos e Pedro).

COLÓ

(Precipitando-se para Pedro). Pedro? Que é que houve, meu filho?

PEDRO

(Conseguindo falar, mas com a voz estrangulada). A Joana titia... A Joana, que caiu n'água!

COLÓ

Jesus! Mas como foi Pedro? Hein?

NOCA

Minha filha! Minha querida filha! Perdi minha filha!

(Entram as vizinhas: Raimunda, Luiza, Sabá, e outras, crianças. curiosos. A casa enche).

CENA 3

(Os mesmos).

RAIMUNDA

Tenha paciência, vizinha Noca.

LUIZA

Sim! Tenha conformidade com a vontade de Deus, vizinha Noca.

COLÓ

Depois, inda não se sabe. Ela pode ser salva. *(Voltando-se para as mulheres).* Estão tratando do salvamento dela, não é?

SABÁ

E então? Confia em Deus, vizinha Noca. O “seu” Emídio Sapateiro, o caxeiro da taberna, o meu velho, o vigia do Curtume estão n’água, procurando a Joana desde o primeiro grito.

NOCA

Mas, não! Eu sei! Está acabado! O meu pressentimento não me engana! Eu perdi minha filha! Perdi minha filha! Eles levaram minha filha! Eu não vejo mais a minha Joana! Nunca mais, meu Deus! Nunca mais! Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! *(Cai hirta, inteiriçada como morta sobre o soalho. A casa enche mais. cada vez entra mais gente. Lá fora cessaram as vozes. Ouve-se apenas o escachôo das ondas, batendo de encontro aos paus que erguem a barraca acima d’água).*

(Fim do 1º Ato, o pano cai rapidamente).

2º ATO

CENA 1 - Recordações

(Mesmo cenário. Sete anos depois, comadre Noca mais envelhecida, mais magra, mais acabada, trabalha em uma máquina de costura. ao levantar o pano ela imprime movimento à máquina. comadre Coló encontra-se de pé, encostada ao umbral da porta dos fundos. é a mesma do 1º ato. Com os olhos um pouco pensativos parece que só os olhos envelheceram nela. como no primeiro ato é dia de maré grande. a cena está silenciosa. ouve-se somente ininterrupto, o monótono rumor das ondas fora, e dentro o trabalhar apressado da máquina de costura. a noite não tarda).

NOCA

(Parando a máquina). Foi um dia como este! Como me lembro! Se lembra, comadre?

COLÓ

Ora, se me lembro! Eu já tinha me lembrado, comadre! Eu não queria era dizer! Para que? Para provocar tristeza! Para tornar a gente mais triste ainda do que é, comadre? Basta já a tristeza de a gente não ter o que comer! Olhe, eu também me lembro muito, muito, do Benedito. Mas, afinal de contas, o Benedito está melhor do que nós! De que valia ele estar vivo, comadre? Sofrendo comigo e com os filhos? Vendo os filhos sofrendo, vendo os filhos com fome? A comadre se lembra que o Benedito levou um ano desempregado, lutando para conseguir uma colocação. Eu penso até que foi nesse tempo que ele pegou aquela maldita doença. Ele não comia comadre. Preferia ver os filhos comerem o pouco que ele arranjava. E o resultado foi que quando conseguiu o emprego no curtume – a comadre se lembra – três meses depois teve que deixar porque estava sofrendo do peito. E outros seis meses levou a penar, desempregado, no fundo duma rede, botando sangue, o meu velho! Quem diria? Tão forte, o meu velho! *(Chora).*

NOCA

(Comovida). A vida é tão triste pra todos, comadre. Todos sofrem um pedaço!

COLÓ

(Com veemência). Todos, não! Todos nós, sim! Nós, os pobres! Porque o pobre, é desamparado! Mas a gente rica, a gente do governo, essa que manda levantar prédios – tem automóveis, essa não sofre, comadre! Essa vive à custa do nosso desamparo e da nossa fome.

NOCA

Mas eles são os donos do Pará, comadre...

COLÓ

Pois é. Eles são grandes, nós somos pequenos. O Benedito pediu tanto a esses “graúdos”, pediu que cansou, um emprego! Eles só faziam prometer! E a comadre se lembra como ele ficou tão alegre quando conseguiu a colocação no curtume...

NOCA

Eu me lembro! Foi justamente naquele dia...

COLÓ

Ah! Foi mesmo! Foi no dia em que Joana desapareceu (*Sorrindo tristemente*). Eu digo sempre desapareceu. Não sou capaz de dizer morreu. Para mim, comadre, Joana não morreu.

NOCA

É que o “mano” Manduca diz que ela não morreu – que foi para o fundo.

COLÓ

Mas o que tenho pra mim (*não sei por que*) é que ela não morreu. Nem foi para parte nenhuma fora deste mundo. Se salvou em alguma praia. Está viva. E um dia...

NOCA

Que esperança!...

COLÓ

Se eu tivesse visto o cadáver dela, sim eu acreditaria ela morta. Mas, não acharam o corpo...

NOCA

É o que mano Manduca diz. Mas é que o corpo dela poderia ter sido comido por algum bicho, comadre.

COLÓ

É. Dizem isso. (*Noutro tom*). Mas, quando eu penso no destino daquela menina, comadre! Se lembra que no próprio dia do desaparecimento, nós tínhamos falado, muito, nela?

NOCA

Havíamos acabado justamente de falar, ou por outra, estávamos ainda falando nela quando se deu o caso, não foi?

COLÓ

Justamente! Que coisa estranha, comadre! A comadre ainda não reparou que há muitas coisas estranhas na vida da gente! Eu não sei se na vida de gente rica é assim...

NOCA

É assim também, comadre. Mas é que as pessoas ricas escondem essas coisas. Quando o caso se espalha é sempre à boca pequena, contado pelas cozinheiras, pelos empregados, nunca por eles próprios. Veja que quando acontece qualquer coisa entre nós, os pobres, os jornais publicam logo, fazem até chacota de nós! O que se passa entre os ricos os jornais não dão. Os jornais são deles, comadre! A comadre não viu o espalhafato que eles fizeram sobre o caso da Joana? Não me saiam aqui de casa! Era um tirar de fotografias, e perguntas sobre perguntas a respeito da Joana, de mim, do pai da Joana, que fazia até medo! O próprio “mano” Manduca teve o retrato no jornal... Não se lembra, comadre?

COLÓ

Pra mim parece que foi ontem...

NOCA

É parece que foi ontem! Há sete anos! Como o tempo passa! *(Suspira. Endireita a costura. Movimenta a máquina. Um silêncio. A máquina trabalha. As ondas batem, batem).*

COLÓ

(Reatando a conversa). Como o tempo passa! *(Noca para a máquina).* Parece que foi ontem! E desse ontem para cá, quanta coisa! Benedito morto, o “seu” Raimundo Caldereiro morto, as filhas no “mundo”; o “seu” Emídio sapateiro aleijado da queda do bonde; o filho da vizinha Raimunda no Prata com “doença feia”; a vizinha Luiza no Domingos Freire; o Luizinho, da Sabá, no Cotijuba. O Pedro casado!

NOCA

É verdade! *(Noutro tom).* - E nós que dizíamos tanto que o Pedro ia casar com a Joana! Se lembra, comadre?

COLÓ

Me lembro, me lembro. Como não havia de me lembrar? Eu fazia tanto gosto nisso! E Loriania também! *(Suspira).* Mas, Deus não quis, paciência! E, olha que o Pedro gostava muito da Joana, comadre! Ele ficou até muito impressionado com o caso, a comadre não reparou? Ficou por muito tempo, assim a modo que meio alesado!

NOCA

É. Eu reparei.

(Correrias do lado de fora. As pontes tremem sacudidas pelas correrias. Aparece porta ao fundo, Matilde acompanhada de crianças e curiosos).

CENA 2

(As mesmas, Matilde, crianças e curiosos).

MATILDE

(Agitando um jornal). Mamãe! Mamãe! Mamãe! Madrinha Noca! Madrinha Noca! A “Vespertina” traz aqui que uns pescadores de Marapanim acharam uma mocinha, despida dentro de uma montaria, próximo de uma praia, e que disse chamar-se Joana e morar em Belém na Vila da Barca! Foi o “seu” Zeca taberneiro que me chamou para mostrar! É a Joana, madrinha, Noca! Só pode ser a Joana! Diz a “Vespertina” que os pescadores trouxeram, a mocinha aqui pra Belém, e que ela está na Polícia.

COLÓ

Será possível, isso comadre? *(Apanha o jornal das mãos de Matilde).* Será mesmo a Joana? *(Desdobra o jornal).*

NOCA

Não! Não creio! É coisa de jornal! Agora eles não largam mais a Joana! *(Debruça-se, todavia sobre a “vespertina” juntamente com a comadre Coló).*

COLÓ

(Depois de ler em voz alta a notícia). Mas, quem sabe, comadre? Parece que, de fato é a Joana!... *(Passa o jornal à comadre Noca).*

MATILDE

É sim, mamãe! Toda gente por aqui, diz que é ela! É ela! É ela sim! *(Ensaia uns passos de dança, requebrando-se toda, dando mostra de intensa alegria. A criançada acompanha-a. Fazem uma gritaria).*

COLÓ

(À Matilde). Que é isso menina! Tenha modos de moça!

MATILDE

(Torna-se circunspecta. A criançada emudece. Entram as vizinhas Raimunda e Sabá).

CENA 3

(Os mesmos).

RAIMUNDA

Então? É a Joana, mesmo?

SABÁ

Sim vizinha Noca, é a Joana mesmo? Já se sabe?

NOCA

(Entregando o jornal à vizinha Raimunda). Não sei o que diga. (Ouvem-se vozes e passos lá fora. Aparece Joana acompanhada de guardas-civis e repórteres. A porta se enche, todos ficam observando a cena).

CENA 4

(Os mesmos, Joana, guarda-civis, repórteres e curiosos).

JOANA

(Dirigindo-se comovida para comadre Noca). Mamãe! (Abraça-a).

NOCA

Oh! Joana! Minha filha! *(Joana faz o gesto de pedir a benção, segurando-lhe a mão para levar aos lábios).* Deus te abençoe! Oh! Minha filha! Minha filha! *(Parece só saber dizer essas palavras apalpa o rosto da filha, tateando como uma pobre cega).* Parece um sonho! Quando tu desapareceste eu dizia comigo. Parece um sonho! Mas, não! Agora é que parece um sonho, que eu sonho, que eu sonho! Oh! Minha filha! *(Essas últimas palavras já são ditas num murmúrio estrangulado por um soluço. Chora copiosamente).*

JOANA

(Profundamente comovida estreitando Noca ao coração). Mamãe. (Tem os olhos secos mais brilhantes).

CENA 5

(Os mesmos, Pedro acompanhado de Lurdes).

PEDRO

(Colocando-se diante de Joana). Joana!

JOANA

(Estende-lhe as mãos).

NOCA

(Temendo que ela já não o reconheça). É o Pedro, minha filha.

JOANA

Sim. É o Pedro. Como vais, Pedro?

PEDRO

Bem. *(Indicando Lurdes).* Essa é minha mulher.

JOANA

(Entendendo-lhe a mão). Como vai, Lurdes?

PEDRO

E o que foi isso Joana? Que foi que te aconteceu?

JOANA

(Com esquisita veemência. Todos se aproximam para ouvi-la). Aconteceu-me a felicidade suprema! Eu fui para Maiandeua!

PEDRO

(Vivamente interessado). Para Maiandeua? Joana?

NOCA

(Consternada). Minha pobre filha!

JOANA

Sim. Estou aqui para levar comigo, de regresso a todos vocês!

PEDRO

A todos nós?

JOANA

(Com a mesma veemência). A todos os que tem fome e querem ser alimentados; os que sofrem e querem ser aliviados; esperançados, os desesperados; curados, os adoecidos. Enfim, os infelizes que vivem em busca da felicidade.

PEDRO

E Maiandeua é a felicidade?

JOANA

Maiandeua é a felicidade!

PEDRO

(Veemente). E o amor. Joana? E o amor?

JOANA

Maiandeua é o amor!

PEDRO

(Em êxtase). Maiandeua! A felicidade! O amor!

JOANA

Eu desejaria para vocês a maravilha que me aconteceu. Maiandeua é a felicidade suprema! Eu desejaria que vocês experimentassem a felicidade que eu consegui! Eu desejaria que fosse concedida a vocês, como foi a mim, essa alta e suprema graça. Maiandeua! É por isso que estou aqui! Eu venho apontar a vocês o caminho da bem-aventurança por mim encontrado...

PEDRO

(Em êxtase). Oh! Joana! Se isso fosse verdade! Amar! Ser feliz! Maiandeua! A felicidade! O amor! *(Todos apertam cada vez mais o cerco em torno de Joana. Calados, intrigados, surpresos, suspensos...).*

(Fim do 2º Ato).

3º ATO - QUADRO 1

(Apagam-se as luzes. Aleijados, mendigos, doentes, mulheres, amontoados na ponte, gritam para a janela da barraca onde se encontra Joana da Barca).

TODOS

Joana, salva-nos, cura-nos, melhora-nos de vida, compadece-nos de nós!
(Música).

JOANA

Eu não venho curar ninguém. Nem melhorar de vida ninguém, nem tampouco ressuscitar ninguém. Eu voltei para conduzir vocês à Maiandeuá. Fazer conhecer a vocês a verdade de Maiandeuá. Sem imposição, livremente. Que ela se faça um dia digna de vocês, como foi para mim.

(Apagam-se as luzes).

QUADRO 2

(Mesmo cenário do 1º e 2º ato, ao levantar o pano três senhores vem dos fundos da casa porta esquerda, conversando. São eles: Drs. Pinto Lobo, Xavier Vargas e Luiz Raul. Ficam de pé no meio da sala conversando).

CENA 1

(Os mesmos).

PINTO LOBO

Mas o fato em si não tem nada de sobrenatural. Que há aqui que fuja às leis propriamente naturais, não me dirão acaso vocês? Trata-se de uma menina que - por um desses milagres bastante habituais quando se encontram em jogo vidas humanas - se salva de um quase certo afogamento, indo dar a uma nossa costa qualquer. Nessa, costa encontra sem dúvida indígenas, ou até mesmo caboclos, que a recolhem e a acabam de criar. Este o fato. Agora as circunstâncias do fato que são, também perfeitamente naturais. Trata-se, evidentemente, de uma enferma da imaginação. *(Luiz Raul, ri).* Você ri?

LUIZ RAUL

Sim. Eu ri da sua muito científica etiqueta: enferma da imaginação. Divertem-me grandemente essas expressões bombásticas da ciência, que não nos dão ... resposta aceitável às interrogações, e apenas batem estrondosamente com a porta na cara das nossas interpelações mais diretas! Enferma da imaginação! Ora, enfermo da imaginação é todo o artista, é todo o imaginoso, é todo o intelectual! O indivíduo normal, medíocre, não sente, por assim dizer, a imaginação. É como a pessoa sã do coração, que não sente o coração. Enfermo da imaginação! Enfermo da imaginação, então eu o sou também.

PINTO LOBO

(Sorrindo significativamente). Ninguém diz ao contrário.

LUIZ RAUL

(Também sorrindo). Sim. Mas o pior não é isso. É que eu sou o doente. E enfermo da imaginação você também o é como o brilhante intelectual que todos nós admiramos. E é o médico!

PINTO LOBO

(Continuando a sorrir). Também não digo ao contrário... não quanto ao brilhante intelectual mas quanto ao enfermo. Entretanto, como médico, eu sei o perigo da minha imaginação... *(Sorrindo significativamente)*. E das dos outros.

XAVIER VALE

(Distraído e desastradamente). Sim! Sobretudo da dos outros! Nós somos assim!

LUIZ RAUL

(Ri).

PINTO LOBO

Bem. Dizia em que se trata, no caso e em espécie, da existência real de uma naufraga, possuída por uma imaginação delirante. A paciente Joana, nesses sete anos vividos longe da família, esteve apenas numa casa de caboclo, e viu com a imaginação doentia e deformadora do real, uma cidade encantada, um país de utopia, onde outros, com a imaginação absolutamente normal, não veriam senão uma casa de caboclo! É fato perfeitamente explicável, e perfeitamente explicado pela ciência. Teremos que convir que, no caso de Joana, se trata de criatura dotada não somente de imaginação já por si excepcional, mas com essa própria imaginação já por seu turno exacerbada pelas doenças enfraquecedoras, pela miséria, pelo desconforto, pela fome, pelas superstições do meio, pelo horror e atração desse ambiente, ambiente inquietante de marés grandes, ao fluxo e refluxo das quais nasceu e esteve até aos 12 anos; enfim, por esse criminoso, monstruoso, espantoso descaso que o governo revela pelas nossas populações, pobres, relegando-as ao mais completo e desumano dos desamparos!

LUIZ RAUL

Isso! Isso! Explêndido, doutor!

XAVIER VALE

(Curvando-se, sorrindo, e baixando a voz de modo irônico). Meu caro colega, cuidado com os perigos de sua imaginação!

PINTO LOBO

Mas isto não é imaginação. É pura observação médica! E, infelizmente, é dado elementar de observação!

XAVIER VALE

Eu estou gracejando. Sei que, infelizmente, é assim. Neste caso, não é a imaginação, é a realidade que é efetivamente exacerbada!

LUIZ RAUL

Bem. Mas então o que pretendem fazer os amigos com essa criaturinha, minha pobre constituinte, que a gíria científica de vocês entende por chamar, pinturescamente, de paciente Joana?

PINTO LOBO

(Sorrindo). É que o impaciente advogado Dr. Luiz Raul já vai saber *(Noutro tom).* Em primeiro lugar, cumpre-nos recolher Joana imediatamente ao hospício. Não acha o meu caro colega, Dr. Xavier Vale? *(Voltando-se para o Dr. Xavier Vale).*

XAVIER VALE

Sim. Parece-me medida perfeitamente acertada e oportuna. Nem de outro modo poderia ser feita a observação.

LUIZ RAUL

Mas, por que recolhê-la ao hospício? Por quê? Em nome de quem, ou de que? Em nome da religião? Em nome da ciência?

PINTO LOBO

Em nome do Estado!

LUIZ RAUL

Mas o Estado não é religioso!

PINTO LOBO

Não se trata de religião!

LUIZ RAUL

Você conhece aquela admirável página de Antonio Torres, que vem em um dos livros desse jornalista, e onde ele ataca, como injusto, a prisão de certa mulher, que adorava uma figa pelo fato de adorar essa figa! Ora, diz ele,

o Estado não tem religião oficial, se tolera que nós outros adoremos uma cruz, não pode impedir que qualquer pobre mulher se prosterne diante de uma figa. Isso de dizer que o culto a uma figa é culto inferior, e como tal deve ser perseguido, isso é lábia de sectário, pois os cultos da cruz e da figa se equivalem perfeitamente. É questão de crer! E Antonio Torres era religioso!

PINTO LOBO

Eu sei disso. E Antonio Torres tem razão. Mas é que não se trata de religião. Observe bem. Trata-se aqui, pelo contrário, até de interessantíssima ausência de religião!

LUIZ RAUL

Pois é isso mesmo. Religião é só a nossa! A dos outros, em regra, não é religião!

PINTO LOBO

Mas você ainda não me entendeu. Digo que não se trata aqui de religião, pois nem ao menos do chamado milagre religioso, da magia, do sortilégio, cogita-se aqui. Nem ao menos há aqui o exercício ilegal de medicina em regra tão inseparável das religiões!

LUIZ RAUL

Pois era exatamente para esse fato que eu ia chamar-lhe a atenção!

PINTO LOBO

Eu percebi logo que você ia fazê-lo. Aliás, foi fato observado por mim desde logo, acredite-me. Entretanto, não se surpreenda se eu lhe disser que é precisamente nele que me baseio para pedir, como médico legista, o internamento de sua constituinte no hospício.

LUIZ RAUL

Como assim? É um contra-senso!

PINTO LOBO

Parece, com efeito, um contra-senso. Mas, não é. Eu lhe explico. Joana efetivamente não se inculca de curandeira; não prescreve, nem ministra ou sequer aplica qualquer droga; não dá passes, não formula diagnóstico nem anuncia, charlatanesicamente, curas insensatas.

LUIZ RAUL

Pelo contrário!

PINTO LOBO

Sim. Você diz bem! Pelo contrário. Ela tem até, como se costuma afirmar, decepcionado, a esse respeito, a clientela. Você sabe disso. E penso que você também, meu caro Dr. Xavier Vale. *(Volta-se para o mesmo que se mantém solenemente silencioso).*

XAVIER VALE

Não! Eu não estou bem a par. Tenho ouvido apenas murmurações.

PINTO LOBO

Pois bem. Joana não se entrega, com efeito, ao curandeirismo. Quando ela apareceu, nas condições já nossas conhecidas, condições que, para espíritos menos avisados pareceriam, efetivamente sobrenaturais espalhou-se pela cidade a fama de que a mocinha encontrada nas cercanias de Marapanim, residente nesta vila e há sete anos tido, pelos seus, como morta, era alguém dotada de faculdades excepcionais e poderes surpreendentes de cura dos outros, melhoria de vida e até de ressurreição! Como era de supor, do dia para a noite, esta vila e seus arredores, encheram-se de uma multidão sofredora e ávida, uma população rumorosa e intranquã, composta de mulheres desnutridas e exigentes, crianças escrofulosas e gritadoras, homens mais sequiosos de pão que de fé! Joana passou a denominar-se, para o grosso público, de Joana da Barca e até da Avenida São Jerônimo, o nosso bairro chique, descia gente, que mora em palacete, para vir atolar-se nesta lama e escorregar nestas pontes! Foi quando ocorreu a coisa imprevista e espantosa! Joana da Barca, em fala que fez ao povo, declarou que não vinha curar ninguém, nem melhorar de vida ninguém, nem tampouco ressuscitar ninguém! Não é portanto, curandeira! Não acha o meu cara colega, Dr. Xavier Vale?

XAVIER VALE

(Solene). Sim. Sim. Se ela afirmou que não cura, e de fato, cumpre o que afirmou, isto é, efetivamente não cura, não é, realmente, curandeira!

LUIZ RAUL

E então! Por que a prisão, o hospício?

PINTO LOBO

Mas, exatamente por isso! Porque não é ela simples curandeira, é coisa muito pior porque não veio curar ninguém, nem melhorar a vida de ninguém, nem tampouco ressuscitar ninguém! Mas veio fazer coisa mil vezes pior! Veio pregar a morte de todos!

LUIZ RAUL

A morte de todos?

PINTO LOBO

Sim. E então? Veio preconizar os benefícios, as vantagens de um suicídio geral, puro princípio “schopenhaueriano” de eliminação coletiva. Que é Maiandeua, não me dirá o meu caro Dr. Luiz Raul? Onde fica localizada Maiandeua? No fundo do mar. Pelo menos é se atirando dentro d’água que a gente vai a esse reino, consoante o exemplo da própria Joana. Mas que fosse uma cidade não submersa é sempre nadando que o cristão a tem que alcançar. Os caminhos do céu foram sempre de dor. E quem é capaz de arrostar a travessia, e não só de arrostá-la, de resisti-la? Não ignora, Dr. Raul, que até a esse respeito já espalharam por aí as mais divertidas histórias. Entre outras conta-se que um nosso conhecido capitalista teria procurado Joana a fim de perguntar-lhe se porventura não poderia ir à Maiandeua confortavelmente, de avião. *(Ri)*.

LUIZ RAUL

(Rindo). Como se para alcançar o paraíso não fosse preciso rasgar os pés. Mas são anedotas. Convém não encarar o caso rigorosamente ao pé da letra. Saiba o meu caro Dr. Pinto Lobo que as anedotas não fazem outra coisa. A utopia afinal de contas não é invenção de minha constituinte.

PINTO LOBO

Perdão, meu caro doutor. Mas, a utopia, é um reino ideal. A nossa Joana, porém, quer arrastar as criaturas ao reino ideal, mas não de modo ideal... É o seu crime. Trata-se, pois, de uma atividade perfeitamente subversiva, de Joana. Ela seria, portanto, criminosa, incurso nas sanções da nossa Lei de Segurança se não fosse louca!

LUIZ RAUL

Louca?

PINTO LOBO

Sim. Louca! Mística delirante! Enferma da imaginação!

LUIZ RAUL

Oh! Os palavrões da ciência! São como as injúrias em direito que não precisam imputar fato definido para que constituam crime!

PINTO LOBO

Mas quer você fatos mais perfeitamente definidos do que esses? Verifique que a mística de sua constituinte não tem similar na história. Podemos aproximá-la apenas da mística de Moisés. Mas, por isso, é que teremos de qualificar a atividade de Joana de política. Foi política a atitude mosaica. E o que Joana pretende realmente realizar, é uma espécie de êxodo. Onde se distingue do de Moisés é no fato de o surpreendente movimento de massas, efetuado pelo grande líder hebraico levar a uma região perfeita e geograficamente determinada, ao passo que o de Joana conduz apenas a mero extermínio, a suicídio em série. Tenta a atividade de Joana, como outrora a de Moisés, contra a ordem estabelecida, instiga desobediência coletiva às leis do regime instaurado no país.

LUIZ RAUL

Não acredita, portanto, você naquilo que chamamos de sobrenatural, mas que pode ser muito natural, embora desconhecido.

PINTO LOBO

Não se trata de acreditar ou não acreditar. Trata-se de saber se a coisa em que se crê é evidente ou não. É o teste cartesiano. Acreditar no que não é evidente, naquilo que você cognomina de desconhecido seria o menos se não fosse o perigo que daí pode ocorrer. É claro, que o evidente também pode constituir-se de uma ilusão. Mas tem que nos satisfazer, como a prova em direito, que pode por seu turno, constituir-se de uma falsidade. A evidência em medicina é como a prova em direito. Tudo que não é evidente – o sobrenatural, por exemplo- é apenas simples indício. Convenhamos que as chamadas visões sobrenaturais sejam indícios veementes. Mas são indícios: não constituem provas. Sentenciar, julgar, baseado em indícios; ainda que veementes, é sempre perigoso, seja em direito, seja em medicina. Aqui, então, no caso de Joana, cumpre ter receio do perigo, que representa tudo aquilo que não é natural, não é evidente, não é provado. Eu sei que a favor dela o doutor tem em vista impetrar uma ordem de Habeas-Corpus. Não

deve fazê-lo. A polícia não pretende prender a sua constituinte. Quer apenas hospitalizá-la. Mas, por força desse perigo de que lhe tenho falado. Foi por isso que a Chefia de Polícia mandou-nos de preferência, a nós, médicos legistas, a fim de tratar racionalmente do caso de sua constituinte.

LUIZ RAUL

Sim, mas acompanhados de guardas-civis que estão aí fora.

PINTO LOBO

Nem poderia ser de outro modo. Como impedir que Joana ponha em prática o que planeja? Mantendo um guarda à porta, e outro à entrada da Vila.

LUIZ RAUL

Acho que vocês estão dando muita importância a um perigo bastante incerto.

PINTO LOBO

Como bastante incerto? Joana é uma louca, Doutor! Fique cômico disso.

LUIZ RAUL

Não é tal!

PINTO LOBO

Eu vou interrogá-la, mais uma vez, em sua presença! Não me conformo! Tenho que o convencer desse perigo! O doutor, afinal, é um homem de cultura e de bom senso. *(Indo até a porta dos fundos)*. Guarda! Ó guarda!

GUARDA CIVIL

(Aparece a porta dos fundos).

CENA 2

(Os mesmos e o guarda).

GUARDA CIVIL

(Batendo os calcanhares). Pronto, doutor!

PINTO LOBO

Vá lá dentro e diga a mocinha que venha até aqui conosco!

GUARDA CIVIL

(Batendo os calcanhares). Pois não, doutor! (Sai a porta à esquerda; um silêncio, entra o guarda, porta à esquerda acompanhado de Joana).

CENA 3

(Os mesmos e Joana).

GUARDA CIVIL

(Batendo os calcanhares). Pronto, doutor. (Indica Joana, noutro tom). Vou lá dentro tomar um cafezinho. (Sai; porta à esquerda).

CENA 4

(Os mesmos).

PINTO LOBO

(À Joana que está em silêncio diante dele). Então, já vai esquecendo a sua Maiandeuca?

JOANA

(Sorrindo com simplicidade e ao mesmo tempo êxtase). Como é possível, doutor? É me tão impossível esquecer Maiandeuca como talvez seja impossível ao doutor, concebê-la!

PINTO LOBO

(Ao Luiz Raul). Ela até se expressa bem. Tem até uma linguagem literária, certa ênfase!

LUIZ RAUL

Ela foi sempre muito estudiosa. Quando desapareceu já estava no quinto ano de um curso primário muito bem aproveitado. Desde os oitos anos que lê muito.

PINTO LOBO

Sim. Mas essa linguagem, essa ênfase é em todo caso, natural nela. É a ênfase dos degenerados.

LUIZ RAUL

E dos oradores também.

XAVIER VALE

(Ri).

PINTO LOBO

(Dirigindo-se à Joana). Então a senhora era perfeitamente feliz em Maiandeuca?

JOANA

(Estática). Maiandeuca é a felicidade suprema!

PINTO LOBO

(Astutamente). E por que voltou, então?

JOANA

Porque os meus, e os outros, não eram felizes, como eu. Eu gostaria que eles fossem felizes, também.

PINTO LOBO

(Astutamente). Então, a felicidade dos seus e dos outros a preocupava em Maiandeuca?

JOANA

Preocupava...

PINTO LOBO

(Exultante). Nesse caso, a senhora não era inteiramente feliz. A felicidade não comporta preocupações! *(Com um perverso riso de triunfo aos Drs. Luiz Raul e Xavier Vale).* Vejam vocês! Nem em Maiandeuca há felicidade integral.

JOANA

Perdão! Eu tinha minha felicidade, eu tinha a minha paz! Essa doce paz me aquecia o coração! É claro que eu desejei desde logo, aos meus e aos outros essa compreensão essa quietação, mas não sofria por isso, pois os sabia capazes de adquirir, tanto como eu! Reconheço que não deixava de ser um incompreensão minha eu desejar impor aos outros a felicidade que me acontecera! Isso não significa que abandone a idéia de convencer, mas nunca de impor. Todos buscarão e todos encontrarão Maiandeuca, um dia! Todos reconhecerão um dia a verdade de Maiandeuca! Todos têm seu dia de encontrar Maiandeuca! Ninguém pode, ninguém deve obrigar a ninguém a lutar por um bem estar de que ainda não sentiu a inteira necessidade, a mais sentida necessidade.

LUIZ RAUL

(Triunfante). Está aí! Está aí! Que magnífica compreensão! Quer você mais justa, mais acertada, mais esclarecida visão das coisas do que esta? Onde está o perigo desse entendimento tão perfeito, desse sentido tão lúcido, tão alto, de paz interior?

PINTO LOBO

Mas, se isso fosse ideal, homem de Deus. Em teoria, sem a prática! Mas há a prática! Ela não obriga a ninguém! Não impõe, mas procura convencer! E os que quiserem segui-la? E, depois, deixará ela própria de ir? Não deixa, de certo! E não será isso um suicídio? Naturalmente! E vamos permitir que ela se suicide, podendo impedir? Não vamos permitir? Não acha Dr. Xavier Vale? Não podemos permitir. *(Os três entretidos na discussão, dão as costas à Joana e vêm até o primeiro plano. Joana que está junto da porta ao fundo desliza rapidamente para fora. Ouve-se a seguir, um barulho de corpo caindo nágua, gritos!).* Fugiram! Ó guarda! Ó guarda! Lá vão! Lá vão! *(Gritos ininteligíveis, correrias pela ponte. Dois tiros de revólver).*

PINTO LOBO

(Voltando-se). Onde está Joana? Não disse? Foi-se! *(Gritando).* E o guarda da porta? Que é do guarda da porta? *(Ouve-se os tiros, precipita-se para fora, gritando).* Não atirem! Não atirem! *(Desaparece porta ao fundo).*

GUARDA CIVIL

(Aparece pálido à porta esquerda; correndo). Diabo! Distraí-me lá dentro a beber café *(Sai porta ao fundo).*

PINTO LOBO

(Entra sucumbido). Eu não disse? O guarda da porta abandonou o posto. Ela aproveitou a nossa distração. E se foi! E levou alguém com ela!

CENA 5

(Os mesmos e Lourdes).

LURDES

(Entra correndo, desgrenhada e enfurecida). O Pedro! O Pedro foi também! Aquela desgraçada levou o meu marido!
(Cai o pano rápido).

FIM DO ESPETÁCULO

Música Joana da Barca - Peça Maiandeuá

Letra: LEVI HALL DE MOURA

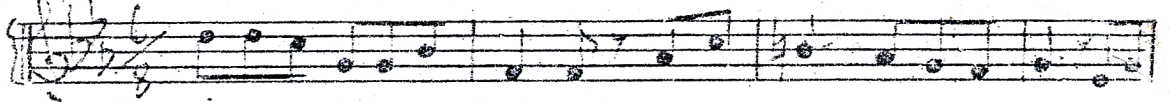
Música e melodia: WALDEMAR HENRIQUE

Pra Maiandeuá Joana
Quem te quer acompanhar?
Travessia é desumana
Perigo é de se afogar.
Mas, Joana, é fascinante
O reino que vais entrar
É o reino do para diante
Da fartura e do bem estar
“É o amor que move os astros”
E faz o mundo girar.
Vem viajante cansado
Vem na areia repousar
Para esse reino encatado
Que as ondas trazem do mar
Maiandeuá é o profundo amor,
Amor é a profunda paz.
Oh! Desgraçados do mundo
Felizes ela vos faz!
Vem, viajante não temas
Que Maiandeuá há de te dar
Felicidades supremas
E o gosto certo de amar.

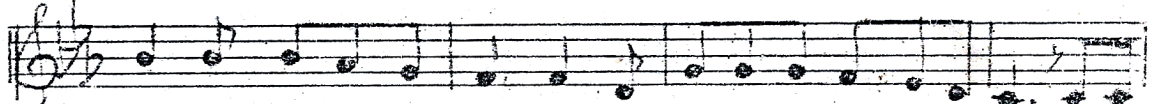
calmo

da peça "Maiandeuá"

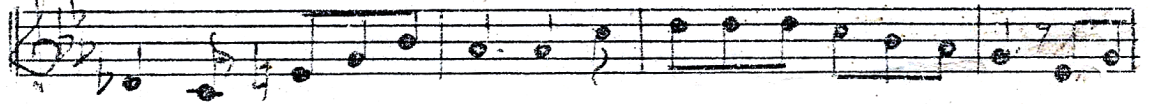
*com a melodia de Waldemar Henrique
foi querido ler a letra
admirável &
foi a melodia de Waldemar Henrique*



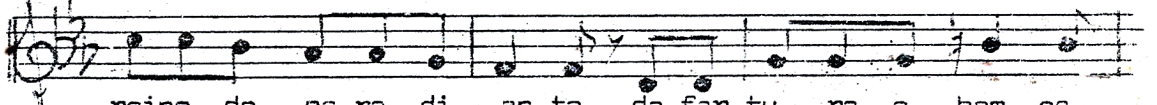
Pra Maiandeuá Jo-a - na quem te quer acompanhar? Traves



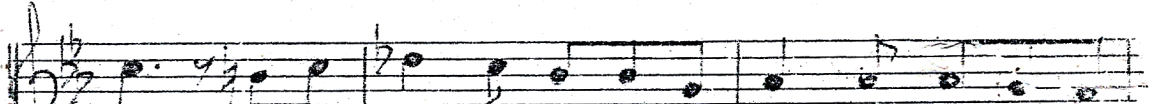
si-a é de-su - ma - na Pe-ri-go é de se afogar. Mas, Jo-



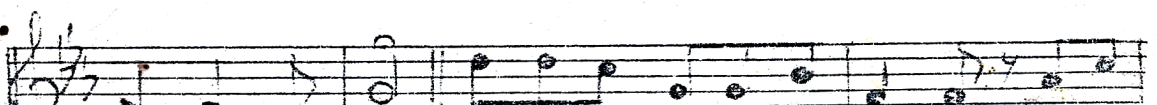
ca-na, é fasci-nan - te o reino em que vais entrar É o



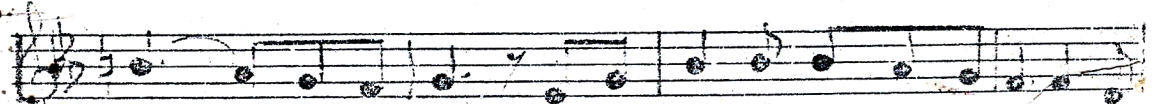
reino do pa-ra di - ante da far-tu - ra e bem es -



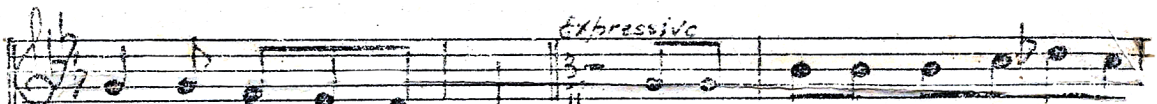
tar. " É o a-mor que mo-ve os as - tros" e faz o



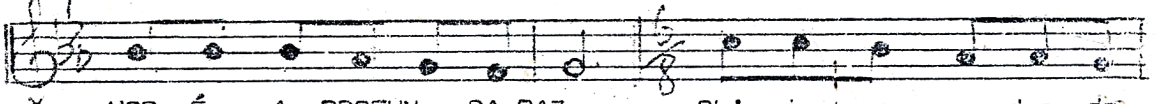
mun - do gi - rar. Vem, vi-a - jante can-sa - do, vem na a-



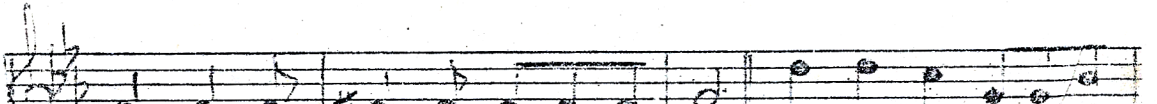
re - ia re-pou-sar, pa-ra es - se reino encantado cula



on-das trazem do mar! MAIAN- DE-UA É O PRO-FUNDO A-



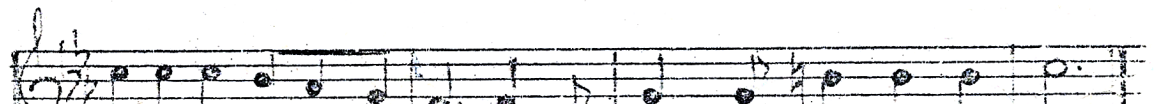
MOR, É A PROFUN - DA PAZ. Oh! des-gra - ça - dos do



mun-do, fe - li - zes e-la vos faz! Vem, vi-a-jante, não



te-mas que Ma- ian - de-ua há de te dar



felici-da-des su-premas e o gos - to . cer-to de a-mar.

0 LOBISOMEN

O Lobisomem

Peça em 2 atos

NOTA DO AUTOR: Já se fizeram peças com muitos personagens. O teatro coletivo. O diálogo das multidões. O Coro grego. O melhor Shakespeare, Ibsen. O drama soviético. Criou-se a peça de um só personagem. Fusão do antigo monólogo com a antiga pantomima, duas formas elementares de teatro, juntas, formando o desenvolvimento de uma peça. Crio, agora, o teatro sem nenhum personagem... em cena. Que tal?



1º ATO

(Um quarto de dormir, amplo, de casa do interior, mas, de gente abastada. Uma cama de ferro de solteiro, uma rede atada. À esquerda, uma janela aberta, dando provavelmente para um jardim ou um quintal, um terreno qualquer. À direita, uma porta fechada, com acesso naturalmente, para as demais dependências da habitação. O quarto está vazio. A cama está intacta. A rede, sem ninguém. Ouve-se um motor de luz funcionando, próximo. Ao levantar o pano, alguém, que não se vê, está batendo, porta à direita).

UMA VOZ DE MULHER *(De mulher idosa).*

Duquinha! Duquinha! Ó Duquinha! Já está dormindo, meu filho? *(A voz se alteia como se dirigindo para o interior).* Já está dormindo! *(Passos se afastando da porta).*

UMA VOZ DE HOMEM

(Gritando). Que você disse?

VOZ DE MULHER

(Também gritando). Que ele já está dormindo!

VOZ DE HOMEM

(Gritando). Hein?

VOZ DE MULHER

(Gritando ainda mais alto). Mas você está cada vez mais surdo, Amâncio! Eu disse que ele já está dormindo!

VOZ DE AMÂNCIO

(Gritando sempre). Você viu se efetivamente ele está dormindo?

VOZ DE MULHER

(Continuando a gritar). Pareceu-me ouvi-lo rressonar!

VOZ DE AMÂNCIO

(Gritando). Está bem!

VOZ DE MULHER

(Sempre a gritar). Mas também o que você queria que ele fizesse senão dormir? Você não o deixou sair!

VOZ DE AMÂNCIO

(Gritando). Não o deixou sair, não ! Aconselhei-o a não sair! Mas não precisaria ir deitar-se e dormir! De zangadinho é que foi meter-se nos lençóis!

VOZ DE MULHER

(Mesmo tom). Mas nós não nos podemos queixar desse filho, Amâncio!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). É claro que não!

VOZ DE MULHER

(Mesmo tom). Não precisávamos ter com ele tanto rigor!

VOZ DE HOMEM

(Mesmo tom). Lá vem você, Lídia, querendo perder o rapaz! Já não basta o outro, o Joaquim? Foram as liberdades que nós demos ao Joaquim, que o puseram a perder. O Duquinha, nós já criamos com outra disciplina, outra correição. Veja como nos ajuda e como se comporta. É uma verdadeira moça! Deixe que o Joaquim o chame de efeminado. Não importa! O rigor com que até hoje tratamos o Duquinha é que faz que ele agora esteja tranqüilamente dormindo em sua casa em vez de andar na vagabundagem com outros de seu tope!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Mas por isso mesmo é que devíamos fazer-lhe certas vontades.

VOZ DE AMÂNCIO

(Iguar tom). Mas, quais são essas vontades de que você fala?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Ele demonstrou vontade se sair, de ir até o baile da casa do compadre Lourival, no Caminho Grande, em companhia das meninas do Alfredo, e você não o deixou ir!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Não deixou ir, não, criatura de Deus! Eu apenas ponderei a ele que não devia ir! Que embora fosse festa de vizinho, já era a segunda da semana, e amanhã é dia de trabalho. Disse-lhe, ainda, que o Joaquim – o irmão dele – poderia estar por lá...

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). E o que tinha isso? Ele não são irmãos?

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Você sabe Lídia, que eu não quero a companhia de Joaquim para Duquinha. Joaquim *(você sabe)* eu expulsei de casa, é farrista, gosta de mulheres... Joaquim me roubava o dinheiro da mercearia para dar a esse bando de vagabundas, de meretrizes, que andam por aí, por essas beiras de rio! Então, você quer criatura, que Joaquim leve Duquinha para a perdição? Não! A companhia de Joaquim não me serve para Duquinha! Mas, apesar disso, eu não impedi que Duquinha fosse à festa. Se não foi, porque não quis. Preferiu dormir. Tanto melhor. Baile não enche barriga de ninguém e arrasa a saúde!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). É. Mas você dançou muito quando moço. Eu também dancei. Era um pé de valsa. Nós gostávamos de dançar no nosso tempo.

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Eu dancei muito, bebi muito, e gostei muito de mulheres, você sabe disso. Mas, depois, me regenerei. O Evangelho, que o compadre Chico me deu para ler, me regenerou completamente. Você sabe disso!

VOZES JUVENIS

(Baques de remo n'água). Comadre Lídia! Comadre Lídia! Não vai pra festa? Vamos.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). São as filhas do compadre Amadeu!

OUTRAS VOZES JUVENIS

Madrinha Lídia, Madrinha Lídia! Cadê o Duquinha?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). São as meninas do Alfredão! *(Alteando ainda mais a voz).* Já está dormindo! *(Gargalhadas alegres. Depois, o silêncio. Só o motor, trepidando).*

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Sabe o que mais, minha velha? Vamos também dormir. Dormir cedo, para acordar cedo. Vou parar o motor. *(Passos. O motor deixa de funcionar. A luz apaga. O quarto fica imerso em trevas. Estrugem foguetes ao longe. Ouve-se, à distância, som de música de baile do interior: violão, cavaquinho, cheque-cheque. Vozes e risadas de gente, seguindo para a festa, a pé. Baques de remos de pessoas que vão de canoa. Um silêncio. Um relógio bate oito horas. Ouvem-se forte palmas).*

VOZ DE UM OUTRO HOMEM

(Gritando). Ó de casa! Ó de casa! Já estão dormindo? Um hora dessas! Dormem com as galinhas? Com efeito! Não foram à festa? Não vão à festa?

VOZ DE AMÂNCIO

(Gritando). Quem será? *(Passos, descerrar de janelas).*

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Ah! Amâncio! É o médico do SESP!

VOZ DO MÉDICO DO SESP

(Gritando). É o Gastão!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Ah! É o Dr. Gastão! Entre Dr. Gastão! *(Descerrar de porta, passos).*

VOZ DO MÉDICO DO SESP, DR. GASTÃO

(Gritando). Boa noite! Já estavam dormindo? Com efeito! Desculpem! Mas, isso ainda não é hora de dormir!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Esperem que eu vou por o motor pra funcionar *(Passos. Um minuto. O motor volta a funcionar. Acende a luz)*.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Boa Noite, dr. Gastão. Seja bem aparecido! Não! Ainda não estávamos dormindo. Recolhemo-nos agora mesmo. Não tínhamos o que fazer. Fomos dormir. Vai sem dúvida, à festa, doutor?

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Sim. Vou à festa do Lourival. Ele me convidou. Vocês não foram? E nem vão? Com efeito. O Duquinha está pra festa?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Não. Está dormindo! Recolheu-se, primeiro até do que nós!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Está dormindo? Com efeito! Vocês perdem esse rapaz. Educam-no como moça!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Como?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Grite ainda mais alto, doutor. O senhor sabe que ele é demais surdo.

VOZ DO DR. GASTÃO

(Ainda mais alta). Eu estou dizendo que vocês perdem esse rapaz, educando-o como moça!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Ah! Doutor, não imagina! Até os sete anos, nós o vestíamos como menina! E como ficava interessante!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Isso foi mau!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Nós nunca tivemos filha. Amâncio desejava loucamente ter uma menina! Não era, Amâncio?

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). O primogênito – que era homem – o Pedro – havia nos dado tantos desgostos! O segundo, também homem – O Joaquim – seguia no mesmo caminho. Entramos a desejar uma menina.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). O nosso primeiro filho foi aquele que morreu o ano retrasado, esfaqueado – lembra-se dr. Gastão? – na festa do sítio do compadre Afonso! Nós também o criamos com muito recato, mas, depois de rapazote, tornou-se farrista, dado a mulheres.

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Mas não é natural que os homens sejam atraídos pelas mulheres? Com efeito.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Mas ele gastava com elas o que não ganhava! Tirava do pai!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Mas por que é que ele então não ganhava? Vocês não organizavam a vida do rapaz! A vida do jovem tem que ser organizada pelos seus responsáveis; organizada, não no sentido de sufocar-lhe os instintos naturais, através de preceitos cretinos de pureza, mas pelo contrário, no sentido de dar, a esses naturalíssimos instintos, expansões naturais, harmoniosas! É preciso assistir aos jovens!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom, sem parecer importar-se com o que o doutor está dizendo). Depois, ele deu para beber!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Isso é que foi o pior! Com efeito! Mas, foi uma conseqüência, uma evasão!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). O Joaquim vai pelo mesmo caminho!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Mas vocês não organizam a vida dos filhos de vocês! O primeiro dever é não prendê-los! Vocês os prendem! Outros o soltam inteiramente! O segundo dever é não soltá-los, inteiramente! É assisti-los, de modo científico, está visto?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Já o Duquinha é diferente! Como nos ajuda! Como ajuda o pai na taberna! Está com 16 anos, e não anda atrás dessas vagabundas como os outros dois irmãos!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Isso que é mau!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Mau, doutor? Não diga isso!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Mas há os instintos naturais, minha amiga, que é preciso atender, por que senão esses mesmo instintos abrem o seu próprio caminho, e, então, de modo anti-natural! E aí vem as perversões sexuais!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom e que parece não se importar com o que o doutor diz). De dançar o Duquinha gosta muito! Hoje ele não foi porque não quis, quer dizer, ele parece que se zangou com uma observação aí do Amâncio, observação que também me pareceu excessiva.

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Lá vem você com as suas coisas, Lídia. Eu não fiz observação excessiva nenhuma! Eu disse apenas ao Duquinha que bailes e mulheres só

servem para arrasar a saúde da gente; que eu fora muito “farrista” e mulheril até um certo tempo, mas depois me regenerara.

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Mas você não se regenerou, amigo Amâncio, você envelheceu. Esse é o segredo da regeneração de muita gente por aí. Diz o povo: “O diabo, depois de velho, se fez ermitão”. Salvo seja! E diz também o povo: “E, com esta, urubu vai à festa”. Com esta *(também, salvo seja, quanto ao urubu)*, eu vou à festa do Lourival! Bem! Boa Noite, meus amigos! Desculpem a maçada!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Maçada nenhuma doutor!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). O doutor sabe que essa casa é sua!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Vai por terra doutor?

VOZ DO DR. GASTÃO

(Voz alta, mas abafada). Agradecido! Vou! Vou por terra! Pela vereda da castanheira!

VOZ DE LÍDIA

(Gritando). Cuidado com o último degrau da escada que não está muito seguro. Acende a luz da frente Amâncio! Boa noite, doutor! *(Cerrar de porta).* Esse doutor Gastão é uma graça!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Está ficando tarde! Nós que pensávamos ir dormir hoje tão cedo! Mas, toca a dormir! Vou parar o motor *(Passos. Passos também se aproximando da porta à direita. Baques na porta à direita).*

VOZ DE LÍDIA

(Gritando). Duquinha! Duquinha! Está dormindo meu filho?
(Silêncio. Passos se afastando da porta. O motor pára. A luz apaga).

(Fim do 1º Ato. Cai o pano).

2º ATO

(Mesmo cenário do 1º ato. Ao levantar o pano, o quarto permanece às escuras. O relógio, no outro compartimento, bate pausadamente, duas pancadas. São duas horas da madrugada. A música do baile continua a ouvir-se ao longe. de súbito, um uivo perto).

VOZ DE LÍDIA

(Gritando). É o lobisomem! Estou com medo! Acende a luz, Amâncio!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Que lobisomem, mulher! É o Plutão que está uivando! Que noite horrível! Ainda não consegui pregar olho! E você ainda me vem com essas bobagens! Não vê que é o Plutão?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Pois é o Plutão que está vendo lobisomem. *(Um tiro).* Não disse? Estão atirando nele! Vá acender a luz, Amâncio. *(Passos. Baques precipitados na porta do outro compartimento).*

VOZES

Madrinha Lídia! Madrinha Lídia! Abra a porta! Por favor, abra a porta!
(Descerrar de porta).

VOZ DE LÍDIA

(Gritando). Que é isso, meninas? Que aconteceu? Entrem!

VOZ DA PRIMEIRA JOVEM

(Gritando). Um lobisomem, madrinha!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Eu fico toda arrepiada! Entrem! Fechem a porta! Ainda mais essa escuridão! Amâncio, que é que há com a luz?

VOZ DE AMÂNCIO

(Gritando à distância). O motor enguiçou! Quem é que está aí?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). São as meninas do Alfredão! Ainda mais esta! O motor enguiçou! Mas contem-me, meninas. O que é que houve?

VOZ DA PRIMEIRA FILHA DO ALFREDÃO

(Gritando). Nós tínhamos saído da festa, deixando o Caminho Grande, e entrando na vereda da Castanheira, quando na encruzilhada do cemitério velho, perto de uns murucizeiros, dentro do mato, estava no chão, qualquer coisa se mexendo!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Credo meninas! Meu corpo até se arrepia todo!

VOZ DA PRIMEIRA FILHA DO ALFREDÃO

(Mesmo tom). Nós três demos um grito, e nos amoitamos junto ao tronco da mangueira velha, batendo os dentes. O vulto deu um arranco, e desapareceu no mato.

VOZ DA SEGUNDA FILHA DO ALFREDÃO

(Mesmo tom). Eram dois!

VOZ DA PRIMEIRA FILHA DO ALFREDÃO

(Mesmo tom). Que dois, menina! Vocês não viram nada! Estas duas só faltaram desmaiar, madrinha! Tremiam como varas verdes!

VOZ DA TERCEIRA FILHA DO ALFREDÃO

(Mesmo tom). Eu – pra que dizer? – não vi nada. A minha vista escureceu logo.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). E quem deu aquele tiro?

VOZ DA PRIMEIRA FILHA DO ALFREDÃO

(Mesmo tom). E não foi o Zeca da comadre Alonsa com o rifle dele? O Dico Pernafina, que vinha também nos fazendo companhia, ainda gritou que lobisomem não se desencanta com tiro!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). E onde ficaram o Zeca e o Dico?

VOZ DA PRIMEIRA FILHA DO ALFREDÃO

(Mesmo tom). Ficaram lá paresque. Nós saímos num carreirão, que só viemos parar, batendo aqui na sua porta. *(O motor começa a funcionar. A luz acende. O quarto permanece vazio)*.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Ora graças! Que noite de bruxas! *(Batem palmas fora. Descerrar de porta).* Quem é? Ah! É o Dico! Entra Dico!

VOZ DO DICO PERNAFINA

(Gritando). A Raimunda, a Domingas e a Maria Joana, estão aí?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Estão, sim. Entra, Dico. Mas o que é que houve, Dico?

VOZ DE DICO

(Mesmo tom). Sabença, tia Lúdia.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Tabençõe.

VOZ DE DICO

(Mesmo tom). Vocês já são medrosas!

VOZ DE RAIMUNDA, PRIMEIRA FILHA DO ALFREDÃO

(Mesmo tom). Ora, pra assombração, não há nem homem valente, quanto mais nós, três mulheres!

VOZ DE AMÂNCIO

(Gritando). Mas, que zoada é essa?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Lobisomem, Amâncio! Eu não te dizia?

VOZ DE DICO PERNAFINA

(Mesmo tom). Sabença, tio Amâncio!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom) Tabençõe!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Mas, era lobisomem mesmo, Dico?

DICO PERNAFINA

(Mesmo tom). Creio que era, tia Lídia e tio Amâncio! A coisa estava se mexendo dentro do mato. Não sei se era gente virando lobisomem, ou lobisomem tornando em gente. Mas, galo ainda não cantava. Eu saquei da minha “quicé” pra sangrar o bicho, mode ele se “desencanta”, quando o Zeca da comadre Alonsa atirou com o rifle. Em assombração não se atira. Só se a bala estiver metida em cera de vela de altar onde se haja dito três missas de Natal. Do contrário, pode matar o sujeito que está com o encanto.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). E onde está o Zeca da Alonsa?

VOZ DE DICO

(Mesmo tom). Eu vim ver onde estavam estas meninas, que saíram correndo pareciam umas doidas e o Zeca voltou para festa atrás de gente para ver o lobisomem onde está!

VOZ DE LIDIA

(Mesmo tom). E encontraram?

VOZ DE DICO

(Mesmo tom). Eu não sei. Mas parece que a bala do rifle do Zeca pegou no esconjurado. Nós ouvimos uns gemidos pra dentro do mato.

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Olha se vocês não mataram cristão!

VOZ DE DICO

(Mesmo tom). O Zeca fez mal em atirar, eu continuo dizendo. *(A música da festa interrompe-se).* Escutem! Acabaram a festa. Todos os brincantes devem estar a esta hora à procura do maldito! Eu também vou lá!

VOZ DE RAIMUNDA, PRIMEIRA FILHA DO ALFREDÃO

(Mesmo tom). Não vai, maninho!

VOZ DE DICO

(Mesmo tom). Ora, se vou! Já estou lá! Até! *(Descerrar de porta).* Vou ver de perto, pra contar de certo!

VOZ DE RAIMUNDA

(Mesmo tom). Volta logo pra nos dizer o que houve.

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Sabe lá o que teria acontecido! Eu não acredito nessa história de lobisomem! Quem sabe se eles não alvejaram alguns dos brincantes, que estava no mato, fazendo alguma necessidade. Eu estou sempre dizendo: “Boa romaria faz quem em sua casa está em paz!” Bem faz o Duquinha que está no seu bom sono, livre dessas trapalhadas! *(Um silêncio. Ouvem-se vozes a distância. Exclamações. Vozes se aproximando. Baques na porta).*

VOZ

Tia Lídia! Tia Lídia!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). É o Dico Pernafina. *(Descerrar de porta).* Ah! E é também, o Dr. Gastão. Entra Dico! Entre Dr. Gastão! Que é que houve?

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Bom dia!

VOZES

Bom dia!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Que é que houve?

VOZ DE DICO

(Mesmo tom, mas sua voz treme). Ah! Titia! Parece que foi o Duquinha que balearam!

VOZES

(Mesmo tom). O Duquinha?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). O Duquinha? Não é possível!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Eu também ouvi essa conversa. Vim saber se é verdade.

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Mas, o Duquinha não está dormindo, Lídia? Você não me afiançou que ele estava dormindo? Que trapalhada é essa?

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Mas vocês não tem certeza? É preciso verificar! Eu não disse que essa educação de vocês havia de prejudicar o rapaz! Com efeito!

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Não é possível! Não é possível! Não é possível! *(Passos precipitados. Baques fortes na porta do quarto).* Duquinha! Duquinha! Duquinha! Não respondem! Será possível? Não é possível! Eu acho que ele está ferrado no sono!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). É preciso arrombar a porta!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). Mas, como você sabe que era o Duquinha, Dico? Você viu?

VOZ DE DICO

(Mesmo tom). Não, não vi! Mas, estavam dizendo. O Manuel de Deus disse que a roupa que encontraram na encruzilhada era do Duquinha!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). E o baleado morreu?

VOZ DE DICO

(Mesmo tom). Disque morreu.

VOZES

(Mesmo tom). Morreu?

VOZ DE LÍDIA

(Mesmo tom). Será que mataram meu filho, doutor? Meu filho! Meu filho!

VOZ DO DR. GASTÃO

(Mesmo tom). Não se desespere! Ainda não se sabe! É preciso verificar primeiro. Começemos por arrombar a porta do quarto; Vamos arrombar! Com licença!

VOZ DE AMÂNCIO

(Mesmo tom). É isso mesmo. Não convém perder a cabeça! Vamos ver, antes de tudo, se ele está, ou não está no quarto! Siga na frente, doutor, que eu o acompanho! (Passos. Começam a arrombar a porta. A porta principia a estalar, vai ceder).

FIM DO ESPETÁCULO

O REINO ENCANTADO

O Reino Encantado

Peça em 2 atos / Teatro Infanto-Juvenil

PERSONAGENS

Primeira irmã : 13 anos.

Segunda irmã: 12 anos.

Terceira irmã: 10 anos.

Primeira vizinha: 12 anos.

Segunda vizinha: 10 anos.



1º ATO

(Cenário: Uma habitação em ruínas, nas proximidades da casa de residência, mas no meio do mato, cheia de vegetação, detritos, cacos de vidros, objetos velhos, teias de aranha, onde reina uma escuridão permanente. A primeira irmã e a segunda irmã vem correndo da direita, como que procurando esconder-se de alguém e gritando: "Ainda não! Ainda não!" Param diante da velha habitação, indecisas).

PRIMEIRA IRMÃ

(À segunda irmã). Olha, esconde-te aí! Belo lugar para esconder-se! Elas não encontrarão nunca! Anda! Anda! Esconde-te!

SEGUNDA IRMÃ

Eu, hein? Esconde-te tu! Por que não te escondes? Eu, não! Depois, elas não me encontrariam nunca, se eu me escondesse aí! Elas não entram aí! Não há quem as faça entrar! Por que não te escondes tu? Sabe-se lá o que há, aí dentro, de horrível, de pavoroso?

PRIMEIRA IRMÃ

Sabe? Eu pensei que tu não tivesses medo desse lugar! Julguei que fosse eu somente a ter receio dele! Não! Não! Não me escondo nele! É possível que lá no fim dele, no chamado fim dos tempos, haja o reino encantado! Mas, quantos dragões ferozes no percurso para esse reino!

SEGUNDA IRMÃ

Que bobagem, mana! Reino encantado! Dragões! Papai já nos cansou de dizer que não há reinos encantados, guardados por dragões. Que são estórias da Carochinha, contadas por avós para entreter e atemorizar os netos!

PRIMEIRA IRMÃ

Não, não mana! Há sim, reinos encantados! Papai é que não quer nos dizer, para não nos atemorizar, isso sim!

SEGUNDA IRMÃ

Você quase a entrar no Ginásio, e acreditando nisso! Nem eu que sou mais nova do que você! Aí dentro deve haver muito bicho, sim, e o escuro dele dá arrepio na gente!

PRIMEIRA IRMÃ

Você não se recorda daquele conto de Anatole France que papai costumava ler, em que havia aquela estória de Pedrinho em que este falava de um mundo desconhecido, cujas sombras e silêncio infundiam-lhe medo e atração? E que, na adega da casa onde moravam, uma porta inquietava-lhe o olhar; era, mais ou menos, igual as portas, das outras adegas. Mas, ao contrário daquelas outras portas, jamais fora aberta; tinha a fechadura enferrujada; minhocas moviam-se nas fendas de sua madeira meio podre. E era esse mundo desconhecido que inspirava a curiosidade ao pequeno Pedro e alentava-lhe os sonhos!

TERCEIRA IRMÃ, PRIMEIRA VIZINHA, SEGUNDA VIZINHA

(Entram, porta a direita, pé ante pé. Surpreendem-se ao se lhes deparar a Primeira e a Segunda irmã, e falam, ao mesmo tempo). Como é? Ainda não se esconderam? Nós esperamos o sinal! Vocês não deram! Vimos, pensando, que já estavam escondidas!

SEGUNDA IRMÃ

É que aqui a mana alvitrou a idéia de que eu me escondesse dentro desse casarão. Eu me recusei, com medo dos bichos que há aí! E ela entrou a falar num reino encantado que deve existir por trás dessas ruínas e dessas sombras, com a poderosa imaginação dela, que vocês todas conhecem!

PRIMEIRA VIZINHA

Oh! Não! Não poderia ser de modo nenhum! Nós não entraríamos nem que nos pellassem nesse casarão! Estava certo, é de que ninguém viria se esconder aí! (*Noutro tom*). Mas, que estória de reino encantado é essa, meninas?

PRIMEIRA IRMÃ

O papai, embora diga que essa estória de reino encantado e dragões é mentira, nos leu aquela bonita estória de Pedrinho de Anatole France em que este declara que viveu longos anos sem renunciar, em busca daquele mundo desconhecido que entrevira, certa vez, através da porta da fachada da adega, existente no porão de sua casa! Em todos os meus passeios – diz ele – procurei, infatigavelmente, esse mundo! Quantas vezes continua Pedrinho (*e gostei tanto deste trecho que o decorei*) – lembra-se, mana? – quantas vezes à beira dos lagos prateados, errando sobre o oceano ondeado das videiras, quantas vezes não estremei ao dobrar uma estrada, uma senda inexplorada, julgando que iria se me deparar esse mundo desconhecido e buscado! Pois é esse mundo desconhecido, que Pedrinho buscava, que me parece encontrar aqui nestas ruínas e nestas sombras! É que Pedrinho – lembra-se? – tornou a encontrar a entrada desse mundo desconhecido e perdido, depois de tê-lo entrevisto, cheio de ânsia e perplexidade, nos desvãos sombrios do porão de sua casa. Divulgou-o, também, nas Tulherias, onde por lá andou, certo dia de sombra e paz. Nos úmidos jardins da Tulherias – diz ele – lembra-se? – não longe do javali de mármore deitado à tepidez dos castanheiros centenários, existia, sob o terraço da beira d’água, certa caverna profunda, onde dormia uma branca mulher, com uma cobra enrolada no braço. E eis que nessa caverna imaginou reencontrar a entrada ignota do mundo almejado e nunca encontrado! E não se lembra você, mana? (*A primeira irmã fala as outras suas quatro interlocutoras, como se estivesse inspirada, presa de mágica exaltação*). Não se lembra você, de que papai também nos leu, de uma feita, a peça de teatro “Malazarte” do nosso Graça Aranha, onde a personagem Almira, da peça, falava de um poço, onde, lá embaixo, a água era pura como o céu, e, que para além da água escura e insondável, deveria morar a mãe das águas no seu tépido, cálido, cheio de pedrarias, refulgente, Palácio de Cristal! Vocês podem não acreditar nisso, mas eu acredito!

SEGUNDA IRMÃ

Hum! Hum!

TERCEIRA IRMÃ, SEGUNDA E TERCEIRA VIZINHA

(Soltam gritinhos de terror e rapidamente se estreitam como que enlaçadas, juntas, poderem, com mais facilidade fugir ao sortilégio). Ui! Ui!

PRIMEIRA VIZINHA

Realmente, é fascinante, mas mete medo. Mas por que diabo veio parar esse casarão aqui?

PRIMEIRA IRMÃ

Era um ergástulo!

PRIMEIRA VIZINHA

Ergástulo? Que que é um ergástulo?

PRIMEIRA IRMÃ

Era a prisão dos negros punidos e dos negros fugidos no tempo de meus bisavós, no tempo da escravidão... Aqui os escravos eram encerrados, quando cometiam qualquer falta.

PRIMEIRA VIZINHA

E aqui morreriam, certamente. Este casarão está naturalmente cheio de almas penadas, isso sim, almas de escravos mortos.

PRIMEIRA IRMÃ

Mas é que uns escravos que aqui foram metidos por ordem do meu bisavô, cavaram, de uma feita, um subterrâneo que daqui ia bater no mar e por lá se escafederam, nunca se sabendo mais deles. Dizem que foram morar com a Mãe D'água, em seu Palácio de Cristal!

SEGUNDA IRMÃ

Bobagem! Papai diz que é bobagem. Eles morreram afogados com a maré alta, ou talvez tivessem apanhado um barco, mas morrido, de qualquer forma, na travessia, na baía encapelada.

PRIMEIRA VIZINHA

É fascinante! Mas eu não acredito. Eu não acredito em reinos encantados. O pai de vocês tem razão. Não existem.

TERCEIRA IRMÃ, SEGUNDA E TERCEIRA VIZINHA

(Sempre enlaçadas, e olhando, com terror, para o casarão em ruínas). Ui! Ui!

PRIMEIRA IRMÃ

Pois vocês querem ver como eu vou por a limpo esse negócio? Como eu vou desvendar esse mistério? E penetrar, uma vez por todas, nessas ruínas?

SEGUNDA IRMÃ

Não! Você não vai fazer isso!

PRIMEIRA VIZINHA

É perigoso!

TERCEIRA IRMÃ, SEGUNDA E TERCEIRA VIZINHA

(Estreitando-se cada vez mais). Ui! Ui! Estamos com medo!

PRIMEIRA VIZINHA

(Às três). Sosseguem meninas. Ela não vai!

PRIMEIRA IRMÃ

Vocês querem ver como eu vou? *(Com crescente exaltação)*. Oh! O reino encantado! Quem sabe se esse reino encantado e perdido, que Pedrinho tanto entreviu, quer nos esconsos porões de sua casa, quer nas caminhadas sequiosas que empreendeu ao longo dos vales inacessíveis, a ourela dos lagos e das sombras dos parques, não está neste ergástulo em ruínas e no estranho segredo de seu subterrâneo que leva ao mar? Oh! Vocês querem ver como eu vou? *(A terceira irmã e a segunda vizinha se põem a chorar, convulsivamente)*. Ah, e porque essas meninas se põem a chorar!? *(Fim do 1º Ato. Cai o pano)*.

2º ATO

(Dois anos depois. O mesmo cenário do primeiro ato, mas é que agora, o casarão está completamente remodelado. É uma casa de campo de último estilo. A primeira, a segunda irmã e a terceira irmã e a primeira e a segunda vizinha cada uma já com 15, 14, 12, 14, 12 anos, respectivamente, entram, estabandamente, tagarelando, porta à direita, como se fossem aves em bando. Todas cinco estão enfeitadas, prontas para sair no rigor da moda, como se fossem a um baile ou a uma recepção. A mais velha delas, a de 15 anos, a primeira irmã, é como sempre, a mais destacada e parece a mais alegre).

PRIMEIRA IRMÃ

Ah! Vocês se lembram de como, nos divertíamos aqui, brincando de se esconder uma das outras por essas imediações? E dessa casa, que era nesse tempo, um casarão em ruínas, lembram-se? Como vocês tinham tanto medo dessa casa! Eu não deixava de ter medo, mas imaginava que por trás dessas ruínas seculares e antigas, depois de atravessar mil perigos e dragões ameaçadores, eu iria defrontar com o Palácio de Cristal da Mãe D'água, com um mundo desconhecido e perdido! (*Arrojadamente*). Oh! O mundo desconhecido e perdido da minha infância! Lembram-se? Oh! Como eu me lembro! (*Sorrindo, mas baixando a voz, presa de intensa emoção*). Como eu me lembro!

SEGUNDA IRMÃ

Eu nunca acreditei nessas bobagens. Foi por causa dessas bobagens da mana, contadas por mim a papai, que papai se apressou a mandar derrubar o casarão e nele construir essa aprazível casa de campo, esse ninho entre árvores!

PRIMEIRA E SEGUNDA VIZINHAS

(*Ao mesmo tempo*). Foi o melhor que seu pai fez. Como tínhamos pavor desse casarão! Lembramo-nos de que quando fazíamos alguma tolice, mamãe nos ameaçava, logo, como castigo, mandar prender-nos no casarão do vizinho, teu pai.

PRIMEIRA VIZINHA

Era, realmente, horrível. Lembro-me de que em nossas brincadeiras infantis nós evitávamos essa casa como se fosse uma residência de pestoses. Procurávamos nos colocar à distância dela. Recordo-me de que, uma vez uma de vocês (*indica as duas irmãs*) tentaram se esconder dentro das ruínas dessa casa na ânsia de não ser apanhadas, facilmente, por nós outras, que as procuravam localizar.

SEGUNDA IRMÃ

Sim. Foi bem isso. Mas nós desistimos, logo. Consideramo-lo impraticável. Mas, foi desse dia em diante, que papai pensou em refundir o casarão. Eu contei a papai a conversa que tínhamos tido, aqui, diante do casarão, quando a mana nos falou naquele mundo desconhecido e perdido que parecia tanto fasciná-la e que se diria exercer sobre ela tão perigosa atração!

PRIMEIRA VIZINHA

Ah! Eu me lembro! Tua irmã nos disse umas coisas bonitas, tão bonitas, mas que nos deu arrepios e fez até as menores chorarem de medo! Tua irmã nos disse até que esse casarão tinha um nome. Ergueiro. Uma coisa assim.

SEGUNDA IRMÃ

Ah! Sim. Sim. Ergástulo. Prisão de negro fugido ou castigado por alguma falta.

PRIMEIRA VIZINHA

Sim. Ergástulo. Prisão de escravos. Foi nesse dia, exatamente que eu soube da existência nessa casa de um subterrâneo, cavado pelos negros, que levava à praia e que servira à evasão deles. Hoje como está claro, espaçoso, iluminado o tal subterrâneo, e que nos conduz tão facilmente à praia! Os dragões, tão imaginados, desaparecem e a praia é apenas uma praia de areias alvas...

TERCEIRA VIZINHA

Embora à saída do subterrâneo achem-se feias rochas atrás da qual poderá esconder-se um homem ou um bicho! Eu continuo a ter medo delas!

PRIMEIRA VIZINHA

Você continua a ser uma criança! E você? (*Dirigindo-se à primeira irmã*). Não crê mais naquela\`s suas fantasias?

PRIMEIRA IRMÃ

“Chi lo sa”? Como dizem os italianos e costuma repetir o papai, “Chi lo sa”? Quem o sabe?

SEGUNDA IRMÃ

É agora outro reino encantado, o que você busca. Nesse reino encantado você procura localizar alguém: o príncipe encantado. Não é por acaso que hoje nós lhes servimos de damas de honra: no primeiro baile de seus quinze anos! Mas, uma coisa eu lhe previno, mana! Tem cuidado com esse reino encantado e desconhecido em que você vai entrar! Lembre-se de que papai nos leu no “Ateneu” de Raul Pompéia, quando o professor de Português nos pediu que o lêsse-mos e o interpretássemos. Ao levá-lo ao “Ateneu”, à entrada deste, o pai de Sérgio, o personagem, ter-lhe-ia dito: “Vais encontrar o mundo meu filho. Coragem para a luta”.

PRIMEIRA VIZINHA

O que eu acho curioso é que a cada passo, a cada propósito, vocês citam o pai de vocês!

SEGUNDA IRMÃ

Papai sempre foi um mestre para nós! Pois bem! Tu, agora, mana, no limiar de teus quinze anos, lembra-te do conselho do pai de Sérgio no “Ateneu”: “Vais encontrar o mundo. Coragem para a luta”. Esse mundo em que tu vais entrar é igual aquele mundo desconhecido, ignorado, de nossa infância. Talvez, ao cabo dele, se ache o Palácio de Cristal da Mãe D’água! Mas quantos dragões no percurso!

PRIMEIRA VIZINHA

Tu agora é que estás falando bonito! O pai de vocês ensina, realmente, coisas bonitas a vocês!

PRIMEIRA IRMÃ

Sim papai nos ensina coisas judiciosas, coisas justas. Só que agora eu não gostei que fosse ele a dançar comigo a valsa dos quinze anos; que ele fizesse questão disso! Eu preferiria dançar com Carlos!

SEGUNDA IRMÃ

Com o Carlos? Eu não disse? Eis o primeiro dragão! A diferença é que, antigamente, em busca do Palácio de Cristal da Mãe D’água, tu tinhas medo dos dragões, espalhados ao longo do caminho, e sempre prontos a devorar-nos. Mas hoje os dragões, que nos esperam ao longo do caminho, não vestem mais a roupagem de dragões, mas a de moços bonitos. Antigamente, tu tinhas medo deles, mas hoje os prefere ao papai!

PRIMEIRA IRMÃ

Deixemos de conversas fiadas, manas! Vamos à festa dos quinze anos, que promete ser muito bonita e promete nos fazer muito felizes a todas! Que importam os dragões ao longo dos nosso caminhos em busca do Palácio de Cristal da Mãe D’água! Diferentes dos outros dragões, que nos infundiam apenas temor, atrás de suas dentuças ferozes, estes dragões (*os rapazes*) nos prodigalizam os sedutores sorrisos de suas bocas amadas, no inesquecível e perene convite ao amor!...

SEGUNDA IRMÃ

Bravos! Agora foi você quem falou bonito!

PRIMEIRA VIZINHA

(Dando um rodopio de valsa). Influenciada talvez, por vocês!

(Cai o pano).

FIM DO ESPETÁCULO

A MOÇA
CASAMENTEIRA

A Moça Casamenteira

Fantasia folclórica em 1 ato

PERSONAGENS

Avó
Casamenteira
1ª Velha
Soldado
2º Velha
Viúvo
3ª Velha
Casadouro
1º Carregador
2º Carregador
3º Carregador
Coro das 6 jovens



1º ATO

(Cenário: uma rotunda ou uma paisagem campestre qualquer).

AVÓ *(Entrando, arrimada a um bastão. Declama).*

Quem conta história de dia *(Bis).*

Cria rabo de cutia *(Entra o coro das 6 jovens).*

CORO DAS 6 JOVENS *(Dançando em roda. Canta).*

Vamos passear no bosque *(Bis).*

Enquanto a noite não vem *(Vem a avó. A avó).*

Ô vó Vitória, *(Bis).*

Conte uma história!

AVÓ *Em pé, junto da roda, arrimada de bastão).*

Quem conta história de dia *(Bis).*

Cria rabo de cutia! *(A noite cai. Escurece o palco).*

CORO DAS 6 JOVENS *(Parado, declama).*

Lá vem a Lua saindo
Com três estrelas de prata
A do meio vem dizendo
Sua letra é quem me mata *(Cantando e dançando em rodas).*

Estindô
Lê - Lê
Estindô
Lê - Lê
Lá - Lá

Lá vem a Lua saindo
Redonda como um vintém
Não é lua, não é nada,
São os olhos do meu bem.

Estindô
Lê - Lê
Estindô
Lê - Lê
Lá - Lá

AVÓ *(Canta).*

Era uma vez um galo pedrez
Que pôs ovo pra vocês seis.

CORO DAS 6 JOVENS *(Dançando à volta da avó).*

Ô vó Vitória conta uma história

AVÓ

Era uma vez... *(Senta-se fora da roda).*

MOÇA CASAMENTEIRA *(Entrando, declama).*

As estrelas do céu correm
Eu também quero correr
Elas correm atrás da lua
E eu atrás do bem-querer.

CORO DAS 6 JOVENS *(Cercando a casamenteira, dançando em roda).*

Senhora casamenteira
Com quem você quer casar, *(Bis).*
Quer casar?

É com o filho do rei
Ou do Sr. General, *(Bis).*
General?

CASAMENTEIRA *(Cantando).*

Eu não quero essa gente,
Por que não são para mim, *(Bis).*
Para mim!

Sou pobre casamenteira
Vocês tenham dó de mim, *(Bis).*
Dó de mim!

CORO DAS 6 JOVENS *(Dançando e pulando).*

Casamenteira,
Que vem de Belém, *(Bis).*
Quer se casar
Mas não acha com quem! *(Entra a 1ª Velha).*

CASAMENTEIRA

(Dirigindo-se à primeira velha). Você é mãe de Inajé?

1º VELHA

Sou ela mesma.

CASAMENTEIRA

Eu venho para me casar com seu filho.

1ª VELHA

Eu vou esconder você por que meu filho é gente muito brava. *(Casamenteira se esconde. Entra soldado. Vem aborrecido, jogando tudo no chão, quepe, talabarte. Em seguida, serena. Toma a benção da 1ª Velha. Senta-se no chão e começa a fumar).*

1ª VELHA

Meu filho, se viesse aqui a moça casamenteira, como tu a tratarias?

SOLDADO

Ora essa, minha mãe, trataria muito bem. *(Casamenteira aparece).*

CORO DAS 6 JOVENS *(Dançando em volta da Casamenteira).*

Senhora Casamenteira,
Com quem você quer casar, *(Bis).*
Quer casar?

É com o Sr. Soldado
Ou com Sr. General, *(Bis).*
General?

CASAMENTEIRA *(Apontando Soldado, canta).*

Não quero o Sr. Soldado,
Por que não é para mim *(Bis).*
Para mim

Sou pobre casamenteira,
Vocês tenham dó de mim *(Bis).*
Dó de mim.

(Declamando).

Não quero amor do soldado,
Nem cabo, nem furriel
Não quero que minha porta
Seja porta de quartel

CORO DAS 6 JOVENS *(Em volta da Casamenteira, cantando e dançando).*

Casamenteira,
Que vem de Belém, *(Bis).*
Quer se casar
Mas não acha com quem! *(Saem 1ª Velha e Soldado. Entra 2ª Velha).*

CASAMENTEIRA

(À 2ª Velha). Você é mãe de Inajé?

2ª VELHA

Sou ela mesma.

CASAMENTEIRA

Pois eu venho para me casar com seu filho.

2ª VELHA

Eu vou esconder você por que meu filho é gente muito brava. *(Casamenteira se esconde. Entra Viúvo. Vem aborrecido. Atirando com tudo no chão, paletó, gravata. Em seguida, serena. Pede à benção à 2ª Velha. Senta-se no chão e começa tranquilamente a fumar).*

2ª VELHA

Meu filho, se viesse aqui a Moça Casamenteira, como tu a tratarias?

VIÚVO

Ora essa, minha mãe, trataria muito bem. *(Casamenteira aparece).*

CORO DAS 6 JOVENS *(Dançando em volta da Casamenteira cantando).*

Senhora Casamenteira,
Com quem você quer casar, *(Bis).*
Quer casar?

É com o Sr. Viúvo
Ou prefere um mais rapaz, *(Bis).*
Mais rapaz?

CASAMENTEIRA *(Apontando Viúvo, cantando).*

Não quero o Sr. Viúvo,
Por que não é para mim, *(Bis).*
Para mim.

Sou pobre Casamenteira
Vocês tenham dó de mim, *(Bis).*
Dó de mim.

(Declama). Não me caso com viúvo,
Nem que tenha ouro em pó,
É costume eles dizerem
Que a finada era melhor

CORO DAS 6 JOVENS *(Em volta da Casamenteira, cantando, dançando e pulando).*

Casamenteira

Que vem de Belém! (Bis).

Quer se casar

Mas não acha com quem! *(Sai a 2ª Velha e o Viúvo. Entra a 3ª Velha).*

CASAMENTEIRA

(À 3ª Velha). Você é mãe de Inajé?

3ª VELHA

Sou ela mesma.

CASAMENTEIRA

Pois eu venho para me casar com seu filho.

3ª VELHA

Eu vou esconder você por que meu filho é gente muito brava. *(Casamenteira se esconde. Entra Casadouro. Vem aborrecido, batendo em tudo, soltando pragas. Mas, serena. Toma a benção da 3ª Velha. Senta-se. Senta-se no chão e entra serenamente a fumar).*

3ª VELHA

Meu filho, se viesse aqui a Moça Casamenteira, como tu a tratarias?

CASADOURO

Ora essa, minha mãe, trataria muito bem. *(Casamenteira aparece).*

CORO DAS 6 JOVENS *(Em volta da Casamenteira, dançando e cantando).*

Senhora Casamenteira,

Com quem a senhora quer casar, (Bis).

Quer casar?

É com o Sr. Casadouro,

Ou não é com ninguém mais, (Bis).

Ninguém mais?

CASAMENTEIRA *(Apontando o Sr. Casadouro e cantando).*

Quero o Sr. Casadouro

Por que ele é para mim, (Bis).

Para mim!

Sou pobre Casamenteira
Vocês tenham dó de mim, *(Bis).*
Dó de mim!

(Declama). Tirei o anel do dedo
Botei na palma da mão
Se não casar com você,
Com outro não caso não.

CORO DAS 6 JOVENS *(Em volta da Casamenteira, cantando e pulando).*

Casamenteira
Que vem de Belém! *(Bis).*
Quis se casar
E já achou com quem!

CASADOURO *(Declama. A Casamenteira).*

Você diz que me quer bem
Eu também quero a você.
Eu quero por toda a vida
E você?

CASAMENTEIRA *(Declama. A Casadouro).*

Tome a chave do meu peito
Destranque meu coração,
Nele encontrará escrito,
Que eu não sou fingida não!

(Entrando na roda das 6 jovens. Canta).

Você gosta de mim,
Casadouro!
Eu também de você,
Casadouro!
Vou pedir a sua mão *(Indica a 3ª Velha).*
Casadouro!
Para casar com você,
Casadouro!
Se ela disser que sim
Casadouro!
Tratarei dos papéis

Casadouro!
Se ela disser que não
Casadouro!
Eu morrerei de paixão
Casadouro!

CORO DAS 6 JOVENS *(Cantando em volta da Casamenteira).*

Palma, palma, palma
Casadouro!
Pé, pé, pé
Casadouro!
Roda, roda, roda
Casadouro!
Abraça sua mulher
Casadouro!

CASADOURO *(Declama. A Casamenteira).*

Hei de amar a quem me ama,
Querer bem a quem me quer,
Pois é muito de meu gosto,
Mesmo se mãe não quiser!

(Entram 3 Carregadores, que atravessam o palco, conduzindo uma cama. Vem às gargalhadas. Ao atingir o meio do palco, a hilaridade, de que estão possuídos, impede-os de prosseguir. Arreiam a cama).

CORO DAS 6 JOVENS

Que é isso?

3 CARREGADORES

(Ao mesmo tempo, às gargalhadas). É a cama da noiva!

1º CARREGADOR

(Ao 2º Carregador, às gargalhadas). Você queria estar no lugar da noiva, conterrâneo?

2º CARREGADOR

Eu hein, eu, não! (1º e 3º Carregadores rompem em gargalhadas. Casamenteira começa a chorar).

1º CARREGADOR

(A Casamenteira). Não chore, dona. Mais sofreu Cristo! (3 Carregadores levantam a cama e saem às gargalhadas com a cama).

AVÓ

(Levanta-se, apoiada no bastão ao Coro das 6 jovens). Foi um casamentão. Doce, minhas filhas, doce porção. Eu até vinha trazer um bocado de doce para vocês. Mas, já estou muito velha com as pernas faltando. Acontece que escorreguei e o doce caiu tudo no chão e se estragou. Eles se casaram e foram muito felizes. Acabou-se a história e vai-se a vó Vitória. Entrou pelo raio do Sol, saiu pelo rabo da Lua. Quem souber que conte outra.

(Cai o pano).

FIM DO ESPETÁCULO

LINHA DE
CURA

Linha de Cura

Fantasia folclórica em 1 ato

PERSONAGENS

Pajé

Porteiro

O Consulente

(jovem estudante de curso superior)

A Consulente

(jovem da soçaita)

3 tocadores de tambor

5 pretas velhas

(dançadoras de macumba)

NOTA DO AUTOR: Ninguém procure encontrar, aqui, a vida real, na sua mais flagrante fidelidade. Além de obra de ficção, é, como se disse bem, uma fantasia. Símbolo, portanto. Trata-se de uma realidade material, objetiva, concreta, mas vista através de um temperamento, sob o manto diáfano do simbolismo.



1º ATO

(Interior de uma casa de madeira na Ilha do Marajó. Portas ao fundo e à esquerda. Percebe-se que a habitação está edificada à margem de um rio, de um igarapé, ou por sobre um campo alagado, pois se ouve distintamente o escachô da água. É noite. Faz frio, mas não chove. Ao descerrar a cortina percebe-se um bater cadenciado de remos numa embarcação, do lado de fora, e ao longe, de par com o coaxar dos sapos e o grito das aves notívagas. Junto a porta, ao fundo, encontra-se Porteiro, também chamado Fogareiro por que é encarregado de manter aceso o fogareiro das defumações, também chamado Servente por que é o ajudante do Pajé, encarregado de lhe dar de beber e de fumar, para o que tem, junto de si, a garrafa de cachaça e o tauari. Porteiro está atento, pronto para abrir a porta à chegada do Pajé. Ouve-se um canto ao longe).

Voz de alguém (Cantando ao longe).
Rufa, tamborino
E toca maracá!
Eu vou buscar minhas forças! (Nas ondas do mar).
Voz se aproxima.
Acerca-se da porta.
Voz (Junto da porta).
Tamborino toca
No sereno da porta
Quem está em vossa porta,
É o Anjo da Vitória
Quem está em vossa guia
É a Nossa Senhora!

(Porteiro descerra gravemente a porta. Pajé entra, com a sua indumentária característica: nu da cintura para cima, calça comprida de pano grosseiro. Está descalço. Conduz um cocar de silvícula na cabeça).

PAJÉ

(Entrando solenemente). Buenos.

PORTEIRO

(No palco). Buenos.

O CONSULENTE

(Na platéia). Buenos.

A CONSULENTE

(Na platéia). Buenos.

AS 5 PRETAS VELHAS

(Na platéia). Buenos.

(Porteiro acerca-se do Pajé. Defuma-o com o fogareiro. Despeja o conteúdo da garrafa de cachaça numa cuinha preta e dá-lhe a beber. Acende o cigarro de tauarí e lhe entrega, assim como o maracá e a pena. Pajé, de pé, bebe a cachaça, dá fortes tragadas no tauarí, expele a fumaça. Em seguida é sacudido por uma estremeção, tomba para trás, endireita-se, mas sempre em aspecto de transe, agitando a pena e o maracá, começa a cantar).

PAJÉ *(Cantando).*

Marajó já teve fama
Teve fama *(Bis).*
De burro e cavalaria

Hoje está explorado,
Marajó *(Bis).*
Pelos piratas de Vigia!

(Para de cantar. Porteiro aproxima-se dele e põe-lhe, em torno do pescoço, uma volta de grandes contas amarelas).

PAJÉ

(Cumprimentando). Boa noite!

PORTEIRO

(No palco). Boa noite!

O CONSULENTE

(Na platéia). Boa noite!

A CONSULENTE

(Na platéia). Boa noite!

5 PRETAS VELHAS

(Na platéia). Boa noite!

(É sacudido por novo estremeçamento. Entoa nova toada).

PAJÉ *(Cantando).*

Minha mãe quando me teve
Na baixa do Humaitá *(Bis).*

Para não ser descoberta
Lançou meu corpo no mar *(Bis).*

As mães d'água me pegaram
Levaram para criar *(Bis).*

Sou moça e sou temerosa
Vivo nas ondas do mar. (Bis).

(Detém-se o Porteiro lança-lhe, ao pescoço, um colar de pontas grandes, de cor azul).

PAJÉ

(Cumprimentando). Boa noite!

PORTEIRO

(No palco). Boa noite!

O CONSULENTE

(Na platéia). Boa noite!

A CONSULENTE

(Na platéia). Boa noite!

AS 5 VELHAS

(Na platéia). Boa noite!

PAJÉ

(Voz mudada). Quem quer se consultar? Apresente-se quem quer!

O CONSULENTE

(Na platéia). Eu!

PAJÉ

Suba! *(O Consulente sobe ao palco).* Que deseja meu amigo?

O CONSULENTE

Eu quero esquecer!

PAJÉ

(Como um eco). Esquecer!

O CONSULENTE

Será que o senhor pode? Dizem que o mestre é bom de trabalho!

PAJÉ

O senhor, não! A senhora! Quem está agora aqui no cavalo, é a “cabocla” Jari-na. O meu ponto é seguro! *(Para a plateia)*. Quem é que quer mais me consultar?

A CONSULENTE

(Da plateia). Eu!

PAJÉ

Suba! *(A Consulente sobe no palco)*. Que deseja a senhora?

A CONSULENTE

Eu quero que ele volte!

PAJÉ

(Com um eco). Que ele volte!

A CONSULENTE

Será que é possível? Dizem que o mestre é bom no trabalho!

PAJÉ

O meu ponto é seguro! *(Voltando-se para o Consulente)*. Ela foi ingrata? E você quer esquecer ela, não é?

O CONSULENTE

É. Quero esquecer! Esquecer! É horrível! Penso nela noite e dia!

PAJÉ

Padre Nosso, Ave Maria!

A CONSULENTE

Coitado! *(Ao Consulente)*. E por que você não gosta de outra?

O CONSULENTE

Não encontro outra!

PAJÉ

(À Consulente). E você? Ele deixou você?

A CONSULENTE

Deixou! Foi embora! É horrível! Quero que ele volte!

O CONSULENTE

(À Consulente). É realmente horrível! E por que você não gosta de outro?

A CONSULENTE

Outro não me encontra!

PAJÉ

(Ao Consulente). Vou fazer você esquecer! O meu ponto é seguro.

(Cantando).

Eu tenho, eu tenho, eu tenho

Eu tenho meu paturi!

Meu paturi é bonito

Mora no rio Arari!

Meu cavalo é alazão

Corre nas praias do Maranhão! *(Bis).*

(Falando). Dê-me três mil cruzeiros. Tenho que utilizar velas coloridas, fitas, vinho, sal, pemba azul. Risco no chão, com pemba, o signo Salomão, cercado das velas, amarradas de fitas. Ponho o nome de vocês e tacho o sal! O sal corta!

O CONSULENTE

Está bem. Tome os três mil cruzeiros. *(Dá-lhe o dinheiro).*

PAJÉ

(À Consulente). Agora você. Dê-me também três mil cruzeiros para o preparo de seu trabalho. É a mesma coisa. Risco o ponto, tacho o sal!

A CONSULENTE

Mas, o sal não é para desligar?

PAJÉ

Você não entende disso! Quem entende sou eu! O sal liga e desliga! É poderoso! Vamos logo! Como é você quer ou não quer? Se quer diga: se não quer diga também!

A CONSULENTE

Eu quero! Tome o dinheiro (*dá-lhe o dinheiro*). Pajé faz um gesto ao Porteiro, que se retirará à esquerda, a fim de ir buscar.

PAJÉ (*Cantando*).

Iara pé das almas. Hum... Hum...
O Reduto é o meu lugar (Bis).
Homem come camarão
Curumim militar.

(Porteiro volta. Entrega a Pajé os preparos do trabalho. Pajé, fazendo um gesto ao Consulente, risca um grande círculo no chão, à esquerda, com a pomba azul. No centro do círculo, traça um signo Salomão. No interior do signo Salomão, depois de interrogar, em voz baixa, o Consulente, escreve o nome da mulher que ele quer esquecer. Em seguida, no meio de tudo, coloca a vela azul, enfeitada de fitas de todas as cores. Acende a vela. Murmurando as palavras: - "Abacadabra! Abacadabra!" - e bebendo em grandes goles, o vinho, que se contém, na garrafa, joga, em cima da vela um punhado de sal. Depois, volta-se para o Consulente, e para o lado direito, e realiza operação análoga. Ambos os Consulentes seguem, com atenção e interesse o serviço do mestre).

PAJÉ (*Cantando*).

Preá! Preá! (Bis).
Preá! Sereia do "má"
Meu canto é muito longe
Lá no meio do alto "má"! (Bis).
Preá! Preá! Preá! Sereia do "má" (Bis).

O CONSULENTE

(Voltando-se para a Consulente). É engraçado! Eu não encontro outra! Você não é encontrada!

A CONSULENTE

Não é engraçado, é triste!

O CONSULENTE

É engraçado sim. Nós nos encontramos.

A CONSULENTE

Que significa isso? Não tem significação nenhuma.

O CONSULENTE

É esquisito! Não é que eu me esqueci? Há uma grande paz no meu coração. Resta saber se esta paz persistirá.

A CONSULENTE

É uma paz ou um vazio? Às vezes eu sinto um vazio no coração.

O CONSULENTE

É uma paz!

PAJÉ

O meu ponto é seguro!

O CONSULENTE

É uma paz... Não sei se persistirá. Às vezes eu sentia essa paz, mas era momentânea. Depois, a lembrança dela voltava, ainda com mais força. Mas, agora, parece que vai perdurar. (*À Consulente*). E você? Não faz questão que o seu volte?

A CONSULENTE

Não. Quer dizer: não sei. Quem sabe? A vida é absurda!

O CONSULENTE

Eu sei. Você não quer mais que ele volte. Você foi encontrada por outro.

PAJÉ

O meu ponto é seguro!

A CONSULENTE

Você só diz bobagem. Onde está o outro? Não existe nenhum outro. Eu não quero que ele volte mais. Eu já não o espero. Mas não é isso o desespero?

O CONSULENTE

Dizia um poeta chamado Baudelaire que só se destrói, realmente, aquilo que se substitui. Por isso é que a gente só destrói um amor com outro amor.

A CONSULENTE

A verdade é que falta alguém em minha vida. Será ele?

O CONSULENTE

Pode ser, pode não ser. É que você, como todos nós, como todos os seres não ama apenas, a um outro ser. Ama o amor! Daí um escritor chamado Prost ter dito que nosso não pertence a quem o inspira. E donde declarou um outro escritor que “nós somos mais felizes pelo amor que nutrimos do que pelo que inspiramos”. E outro: “O amor ideal é aquele pelo qual a gente sonha, não é aquele que a gente experimenta”.

A CONSULENTE

Ah! Você é poeta! E a paz que você sente?

O CONSULENTE

Talvez seja um vazio como você disse. Falta evidentemente, e do mesmo modo como a você, alguém em minha vida. A verdade é que a paz que eu experimento é doce e amarga. Mas, não será isso a chamada saudade?

A CONSULENTE

Bem. Você deixou de dizer bobagem, para dizer incoerências. Ainda agora havia esquecido. Agora está saudoso. Enfim estamos despachados (*ao mestre*). Não estamos despachados mestres?

PAJÉ

Estão despachados. O meu ponto é seguro! Até outra vista. Continuamos aqui. Quando quiserem...

A CONSULENTE

Já vou, portanto. Até outra vista mestre! (*Ao Consulente*). Não vem também? Ou quer ficar com a saudade?

O CONSULENTE

A saudade para o esquecimento é como a amizade para o amor. Mero sucedâneo. Além disso a saudade pode ser do futuro. Mas há esperança para o seu desespero?

A CONSULENTE

A esperança é como a própria vida, é com amor que a origina. Não morre nunca. Mas se transforma. Você não disse que nós só amamos o amor, e, portanto, o nosso amor nunca pertence aquele que o inspira?

O CONSULENTE

Então irei. Vamos. Até outra vista, mestre!

A CONSULENTE

Vamos. *(Saem os dois, muito juntos, conversando).*

PAJÉ

Até outra vista! *(Vendo os dois saírem juntos).* O meu ponto é seguro! *(À platéia).*
Ninguém quer mais se consultar? *(Começa a soar os toques de tambores à distância.*
Vão se aproximando).

PAJÉ *(Cantando).*

Eu vou mudar de linha!
Eu vou mudar de linha! *(Bis).*
Caboclo roubou minha taquara
Eu vou mudar de linha!

(À medida que canta, vai-se despojando da indumentária e objetos do curador, como pena, maracá, cocar, o colar de contas, que entrega ao Servente, que por seu turno, fá-lo envergar a vestimenta de macumbeiro, constante de camisa amarela de sentineta, faixa branca de lamé, toalha bordada para deitar ao ombro e sandálias douradas. Os três tocadores de tambor, entram porta à esquerda fazendo soar seus instrumentos. As cinco pretas velhas sobem da platéia para o palco, e entram a dançar ao som dos tambores, fazendo roda em torno do macumbeiro, que continua a cantar).

Eu vou mudar de linha!
Eu vou mudar de linha! *(Bis).*
Caboclo roubou minha taquara
Eu vou mudar de linha!

(Os tambores ressoam com mais força. A cortina cerra-se lentamente).

FIM DO ESPETÁCULO

SEVERA
ROMANA

Severa Romana

Fantasia folclórica em 1 ato

PERSONAGENS

A voz do autor

O cabo Antônio Ferreira dos Santos

Severa Romana Pereira

CENÁRIO

Uma sala de jantar modesta em casa modesta.

Porta à esquerda e à direita.

NOTA DO AUTOR: Espera-se que espíritos arejados não vejam aqui, como não viram no trabalho anterior "Linha de Cura", sombra de sacrilégio, ' menoscabo a cultos religiosos, nem deformação da verdade ou realidade, como se queira chamar ao objetivo-subjetivo refletido. O autor é daqueles a quem parece que o único alvo de toda obra que queira efetivamente ser artística, é refletir a realidade, e não trazer nenhuma mensagem do autor ou divulgar-lhe as intenções. Daí ser exigida, imposta, a autenticidade desse reflexo da realidade em toda obra de arte. Mas onde, então a liberdade de criação? A liberdade de criação patentear-se-á nas mil e uma formas em que aquele reflexo manifestar-se, e que vai desde a simples e pura objetividade, por meios de imagens, ao símbolo e à abstração. Quanto à mensagem não é o autor quem a traz. É o leitor da obra escrita, o público das galerias de arte e dos salões de música, o espectador dos palcos e das telas, que capta, que retira essa mensagem da realidade refletida, de maneira puramente objetiva através de imagens ou por meios de símbolos e abstrações. É assim que o autor deseja que o leitor entenda.



1º ATO

(O cabo Antônio está sentado à mesa, com a cabeça enterrada nas mãos).

A VOZ DO AUTOR

(Ressoando na sala). E, todavia, todo homem, neste mundo, mata o que ama. Sim. Porque toda consciência tem por objetivo a morte de outra consciência. E sabeis que uns o fazem com olhar de ódio, outros com blandiciosas

frases, o covarde com um ósculo, o valente com um afiado ferro. Uns matam o seu amor quando ele, em tenra idade, outros quando já alcançado em anos. É com as mãos do desejo que alguns o estrangulam. Muitos outros o fazem com as mãos do ouro. Mas os melhores se utilizam mesmo de um punhal, porque assim os mortos morrem mais depressa”.

CABO ANTÔNIO

(Levanta-se. Nota-se um desespero crescente em sua fisionomia). Senhor, tende piedade de mim! Senhor, tende piedade de mim! Senhor, ouvi-me! Senhor, atendei-me!

SEVERA ROMANA

(Entra pela porta à esquerda com um embrulho de compras. Dirige-se porta à direita sem atentar para o Cabo Antônio).

CABO ANTÔNIO

(Pondo-se diante de Severa Romana). Severa admirável! Severa amável! Severa intacta! Rainha! Rosa! Estrela! Torre! Refúgio! Auxílio! Vaso honorífico! Consoladora dos aflitos! Porta do céu! *(Tenta agarrá-la).*

SEVERA ROMANA

Não! Não! Não pode ser!

CABO ANTÔNIO

(Desvairado). Causa da minha alegria! Fonte de minha consolação! *(Agarra Severa Romana).*

SEVERA ROMANA

Não! Não! Não pode ser! Não! *(Debate-se nos braços do cabo Antônio).*

SEVERA ROMANA

Senhor, tende piedade de mim! Cristo, tende piedade de mim! Senhor, tende piedade de mim! Santa Maria, rogai por mim! Santos Anjos e Arcanjos! Santo Abel! Coro dos justos! Santo Abraão! São João Batista! São José! Santos Patriarcas e Profetas! São Pedro! São Paulo! Santo André! São João! Santos Apóstolos e Evangelistas! Santos Discípulos do Senhor! Santos Inocentes! Santo Estevão! São Lourenço! Santos Mártires! São Silvestre! São Gregório! Santo Agostinho! Santos Pontífices! São Bento! São Francisco! São Camilo! São João de Deus! Santos Monges e Eremitas! Santa Maria Madalena! Santa Luzia! Santas Virgens e Viúvas! Santos e Santas de Deus interce-

dei por mim. Sede-me propício, perdoai-me, Senhor! Sede-me propício, escutai-me, Senhor! De vossa ira livrai-me Senhor! Do perigo da morte! De uma morte má! Das penas do inferno! De todo mal! Do poder do demônio! Pelo vosso nascimento! Pela vossa cruz e paixão! Pela vossa morte e sepultura! Pela vossa gloriosa ressurreição! Pela vossa admirável ascensão! Pela graça do Espírito Santo Consolador! No dia do Juízo, eu pecador vos peço - ouvi-me Senhor! Senhor, tende piedade de mim! Cristo, tende piedade de mim! Senhor, tende piedade de mim! Cristo, tende piedade de mim!

(Cabo Antônio a estrangula. Ela cai morta. Cabo Antônio, sai correndo porta à esquerda. A cena escurece. Ribombam trovões. Luzem relâmpagos).

A VOZ DO AUTOR

(Ressoando na sala). E, todavia, todo homem, neste mundo, mata o que ama. Sim. Porque toda consciência tem por objetivo a morte de outra consciência. E sabeis que uns o fazem com olhar de ódio, outras com blandiciosas frases, o covarde com um ósculo, o valente com um afiado ferro. Uns matam seu amor quando eles em tenra idade, outros quando já alcançados em anos. É com as mãos do desejo que alguns o estrangulam. Muitos outros o fazem com as mãos do ouro. Mas os melhores se utilizam mesmo de um punhal, por que assim os mortos morrem mais depressa.

(Cerra-se a cortina).

FIM DO ESPETÁCULO

DUAS
FAMÍLIAS
PARAENSES

DUAS FAMÍLIAS PARAENSES

Comédia em 1 ato

PERSONAGENS

Augusto Mascarenhas

Chefe da família Mascarenhas

Ambrósia

Mulher do Augusto

Bonifácio Boaventura

Amigo do casal

Alzira

Filha solteira do casal

Olympio

Filho solteiro do casal

Fabrício

Filho casado do casal

Irene

Mulher do Fabrício

Faustina

Criada

Dr. Gabriel Vasconcelos

Chefe da família Vasconcelos, vizinho da família Mascarenhas

Izaura

Mulher do Dr. Gabriel

Lúcia

Única filha do casal

Expedito

Criado

Pedro Siqueira

Comissário de polícia

Escrivão

Agente policial

Um guarda civil

CENÁRIO

Simultaneamente, em casas das famílias Mascarenhas e Vasconcelos, que são vizinhas. O palco é dividido ao meio. Ao lado direito, fica a sala de jantar da família Mascarenhas. Ao lado esquerdo, a sala de jantar da família Vasconcelos. Ambas as varandas têm o indispensável conforto das casas de famílias que, se não são abastadas, aparentam sê-lo. Ao se erguer o pano, são cinco horas da tarde de um dia de verão.

Em casa da família Vasconcelos, o chefe da família, Dr. Gabriel, lê os jornais, sentado numa cadeira de balanço. Lúcia, sentada em uma cadeira num dos ângulos da mesa de jantar, faz tranquilamente, o seu crochê, sem levantar os olhos. Dona Izaura acha-se entretida em dar comida a um passarinho numa gaiola. Em casa da família Mascarenhas, dona Ambrósia está em cena muito agitada, a gritar pela criada. Olympio, o filho solteiro, faz a barba, mirando-se em um espelho portátil, colocado sobre a mesa de jantar. Alzira, a filha solteira, passa em cena, atarefada, como se estivesse se preparando para sair.



1º ATO

DONA AMBRÓSIA

(Colérica, em movimento). Essas criaturas me põem maluca! Isso é um inferno! (Vai até a porta à direita e grita). Oh Faustina, criatura! (Voltando-se dá com a filha que atravessa a cena, aprontando-se para sair). E onde já vais tu, sirigaita?

ALZIRA

Vou ao dentista mamãe!

DONA AMBRÓSIA

Ao dentista? (Olha para o relógio). Estas horas? Mas olha se tu estas maluca menina! Se eu vou te deixar sair para o dentista uma hora destas! Vá já se despir, sua não sei que diga!

ALZIRA

Ora, mamãe, deixe de seus moralismos idiotas: Eu vou, pronto! Eu vou!
(*Bate o pé*).

DONA AMBRÓSIA

(*Colérica*). Mal criada! Sirigaita! Vê com quem tu falas, pedaço de não sei que diga! Quero ver se tu queres mandar aqui mais do que eu! Já! Sem demora! Vá mudar o vestido! Já e já! E não quero réplicas!

ALZIRA

(*Batendo o pé*). Não vou! Não vou! Não vou! Pronto.

DONA AMBRÓSIA

O quê? O que, sua infeliz? (*Avança para a filha que corre, fazendo um barulhão de todos os diabos*).

OLYMPIO

(*Dando um murro na mesa*). Bolas! Oh! Mamãe! Que escândalo é esse! Todo dia esse espetáculo! Os vizinhos, o que não hão de dizer! (*Mostra para o lado da família Vasconcelos*). Isso fica feio! Chame a atenção da Alzira, mas sem fazer esse barulhão todo! Por isso é que a mamãe já perdeu a força moral!

(*Durante essa fala de Olympio, o Dr. Gabriel, na sala de jantar da família Vasconcelos, larga, no regaço, o jornal que está lendo, e abana a cabeça com aspecto contrariado; a filha, Lúcia, levanta os olhos do crochê e ri, tristemente, meigamente, para o pai. Dona Izaura que, durante a cena toda, botou comida para o passarinho, foi lá dentro, trouxe água, neste momento, dirigindo-se à filha, sem falar, faz um gesto com a boca em bico, mostrando o Dr. Gabriel, e sai rindo, sempre apressada*).

DONA AMBRÓSIA

(*A Olympio*). Cala-te tu também! (*Alzira sai chorando*). Mas essas criaturas me põem doída! E a Faustina, que eu estou chamando há meia hora, oh rapariguinha perigosa! (*Indo até a porta*). Oh Faustina, rapariga!

FAUSTINA

(*Entra espevitada*). A senhora chamou?

DONA AMBRÓSIA

E ainda vem com essa cara cínica! (*Imitando as inflexões da voz de Faustina*). A senhora chamou? (*À Faustina*). Eu não sei onde estou que não te dê uns transpescos!

FAUSTINA

(Espevitada). Ah! Isso! Mas custa! Eu estou ganhando dinheiro, não estou ganhando pancada! Eu sou do sindicato! ...

DONA AMBRÓSIA

Cale-se! Não perguntei como se chamava! Não tenho nada com sindicatos! Olhe, falta uma faca de cabo de prata. Você só me entregou onze....

FAUSTINA

Ah! É verdade, patroa! Está lá na cozinha. Eu tinha esquecido de entregar. Depois é que eu dei com ela em cima da mesa. *(Sai).*

DONA AMBRÓSIA

É...É... Vocês todas são umas grandes esquecidas...mas dinheiro não junta no chão. Aquelas facas ainda são do bom tempo antigo. É prata garantida. Agora estão custando um dinheirão. Se não fosse hoje ter vindo almoçar conosco o Dr. Leopoldo, eu não as teria tirado para fora! *(Olympio acabou de se barbear, e nesse ínterim, sai, e volta logo, começando a se pentear diante do espelho. Entra Faustina).*

FAUSTINA

Pronto, patroa, a faca *(entrega-lhe uma faca).*

DONA AMBRÓSIA

Está bem *(segura a faca).*
(Faustina sai. Entra pela porta dos fundos Irene).

DONA AMBRÓSIA

(À Irene). Isso são horas de uma senhora casada entrar em casa? Enquanto seu marido e meu filho estão trabalhando como um burro no escritório, para lhe dar o comer e o vestir, a senhora anda a trocar pernas, inutilmente pela rua, não? Ah, isso tem que acabar! É preciso que meu filho abra os olhos!

IRENE

Eu só tenho que dar satisfação dos meus atos a meu marido. A mais ninguém, ouviu?

DONA AMBRÓSIA

Eu vou comunicar isso a seu marido!

IRENE

Pois comunique!

OLYMPIO

(Dando outro murro na mesa). Bolas! Já começam as discussões! Mamãe! Irene! Acabem com isso! Minha cunhada, vá lá pra dentro, por favor! (Irene vai e sai).

DONA AMBRÓSIA

Sem vergonha!

IRENE

(Saindo). É a senhora! (Sai à direita).

OLYMPIO

Mas isso é um nunca acabar! (Começa a dar o laço na gravata: ouve-se uma cantoria lá fora e entra estabandamente Augusto Mascarenhas. É um senhor de meia idade, mas muito alegre. Vem tirando o paletó e cantando uma música em voga).

DONA AMBROSIA

(Irônica). Oh! Veio cedo, não? Não quis fazer como na hora de almoço? Por que não fez? Mas, você sempre é um velho muito gaiteiro! A gente a esperá-lo aqui para almoçar com o Dr. Leopoldo, de cerimônia, e você a se demorar lá pelo Alvear, com as suas parceiras e os outros maridos sem vergonhas, iguais a você! E a gente já com vergonha do moço, o Dr. Leopoldo, tão viajado, tão distinto! Depois, provável pretendente à mão de Alzira...

AUGUSTO

Você está cada vez mais insuportável, minha velha! Se eu venho tarde, fala! Se eu chego cedo, fala da mesma maneira; começa com as suas ironias... (Noutro tom). Mas eu tenho uma excelente notícia a dar a todas vocês (olhando para os lados). Mas que é do resto do pessoal? (Gravemente, grotescamente solene). Digo-lhes, em verdade, que nós vamos veraneiar! (Enquanto o pai fala, Olympio, que acabou de aprontar-se, vai lá dentro e traz um chapéu de palha, põe na cabeça e endireitando-se todo, sai assobiando, uma canção da moda, sem se despedir de ninguém; à palavra "veraneiar" do velho, dita em alto e bom som, correm do interior da casa, a nora Irene e a filha Alzira).

AS DUAS

O quê? veraneiar?

DONA AMBRÓSIA

(Sem se perturbar). Faustina!

FAUSTINA

(Entrando). Senhora!

DONA AMBRÓSIA

Corra depressa ali! Atrás do “seu” Olympio e pergunta se ele não vem jantar em casa!

FAUSTINA

Sim, minha senhora! *(Sai correndo).*

DONA AMBRÓSIA

(Voltando-se então para o marido com ar importante). O que que diz o senhor meu marido? Veranear?

AUGUSTO

Sim. Vamos veranear em Mosqueiro!

IRENE E ALZIRA

(Batendo palmas, muito alegres). Oh! Que beleza! Que beleza!

DONA AMBRÓSIA

(Irônica). Até que afinal o senhor teve uma ideia que se aproveitasse! Mas já não era nem tempo! Desde a vitória da Revolução, desde 1930, que nós não sabemos o que é veranear, temos nos submetido a essa humilhação!

AUGUSTO

Mas o que você queria que eu fizesse, minha mulher? Diga? Se eu fui um “decaído”? Se eu sofri aquele descalabro formidável: de um indivíduo que tinha cinco empregos ficou reduzido a um! Nos ostentávamos, minha mulher, nos gastávamos o que não podíamos, tal vez... A Revolução, acabando-me com a “mamata”, foi um caso sério! Deixou-nos de tanga! Mas agora, o caso mudou de figura! Agora eu aderi! Você sabe que o Barata esteve lá na Repartição e eu fiz-lhe um discurso, chamando-o de Bismark...

ALZIRA

Ah! Papai chamou o Barata de Bismark? Gozado!

AUGUSTO

Chamei! Chamei-o de Bismark! Ele, como vocês hão de prever, ficou “cheio”. Eu disse que, diante dele, os outros governadores não eram senão meros recrutas...

ALZIRA

Ah! Papai disse isso?

AUGUSTO

Disse. Só falei em linguagem técnica. Ele ficou contentíssimo! Agora, eu sou revolucionário para todos os efeitos! Como revolucionário, irei ocupar cinco empregos. E, por isso, recomeçemos a viver, minhas queridas: vamos veraneiar!

(Em casa da família Vasconcelos, o Dr. Gabriel, enquanto se vem decorrendo as cenas, já se levantou, já foi lá dentro buscar um livro, um dicionário, sem dúvida, que folheia e consulta; de quando em quando faz gestos de contrariedade com a barulheira dos vizinhos; sua filha Lúcia, continua a fazer crochê com os olhos baixos; dona Izaura vai e vem arrumando louças no aparador; de onde em onde solta grandes suspiros; quando o velho Augusto entra em cena e grita: “Vamos veraneiar”, todos três: o Dr. Gabriel, a filha Lúcia e dona Izaura aprestam ouvidos; a dona Izaura chega ao ponto de ir escutar a parede).

FAUSTINA

(Entrando). Dona Ambrósia, o “seu” Olympio mandou dizer que ele janta na casa da noiva e que dizer de lá mesmo vai para Soure com a família dela. Que ele manda um pequeno buscar a maleta dele que está pronta no quarto. Para a senhora entregar a maleta ao pequeno!

DONA AMBRÓSIA

Está bem, você se encarrega de entregar a maleta, ouviu?

FAUSTINA

Sim, Senhora. *(Sai).*

AUGUSTO

(Batendo palmas e gritando para se fazer ouvir pelos vizinhos). Mas é aprontarmo-nos! Amanhã, de manhã teremos que seguir!

DONA AMBRÓSIA

Mas, homem de Deus, você já arranhou casa em Mosqueiro? Casa confortável? Banheiros bons? E os nossos vestidos, os nossos maiôs? Nos não podemos ir assim!

AUGUSTO

(Voz alta). Ah! é verdade! Nem me lembrava! Iremos então para semana! Casa, tudo o mais, eu já providenciei! Eu queria fazer, aliás, uma surpresa a vocês e arranhei tudo em segredo! Vocês irão agora tratar dos vestidos e dos maiôs. Mas é se aviarem! O Olympio foi para Soure com a família da noiva, não? E o Fabricio? Onde anda o Fabricio? Hoje à sábado... A semana inglesa....

IRENE

Mas ele foi trabalhar. Disse que tinha que pôr em dia o serviço, porque vai entrar de férias. Não deve tardar, aliás.

AUGUSTO

Ah! é verdade! Ele vai entrar de férias. Irá, então conosco! A Faustina ficará tomando conta da casa! Está tudo muito bem! Aviem-se, aviem-se, minhas queridas *(Todos se retiram muito alegres, a cena fica vazia na casa da família Mascarenhas; em casa da família Vasconcelos dona Izaura esteve com o ouvido colado à parede escutando tudo).*

DONA IZAURA

(Ao Dr. Gabriel). Está ouvindo, senhor meu marido? Depois o sr. não quer que eu me queixe; mire-se no espelho! Está aí como dá resultado a gente ser uma mulher de cabelinho na venta, como ela é! Ela grita, arma escândalo, mas o marido faz-lhe todas as vontades e leva a procurar-lhe distrações! Veja se isso acontece a uma, eu! Ele também é como “decaído”, perdeu os empregos, como você, Gabriel! E, no entanto, já arranhou meios e modos de poder levar a família, confortavelmente, a um veraneio, como dantes! E você continua a afirmar que não pode, e não faz por isso!

DR. GABRIEL

(Erguendo-se da cadeira). Não, minha mulher! Não continue a traçar esse paralelo odioso entre mim e o vizinho Augusto, que isso me ofende! O “decaído” Augusto não se poderá comparar nunca a esse seu criado. O “decaído” Gabriel! Eu tenho dignidade e ele não tem! Eu tenho vergonha, tenho sentimento, minha mulher! Eu não me presto a bajular governos, que só premiam a subserviência! Quero continuar altivo na minha pobreza ho-

nesta, sem ostentações inúteis! Para que procurarmos nos sacrificar, se esse sacrifício é feito unicamente com o intuito de atender as solicitações de ridículas e absurdas vaidades? Izaura! É preciso aprender a ser pobre, minha velha! Se a Revolução de Outubro nada mais tivesse feito pelo país, eu ainda a bem diria, tão somente, por isso: pela grande lição de humildade e de renúncia que ela me trouxe! A ostentação, minha mulher, cobra caro, cobra com juros, aos seus adoradores, aquele instante de ilusório triunfo! E às vezes com o preço de sabe-se lá quantas humilhações paga-se o afastamento de uma humilhação só! *(Sentando-se e embalando-se na cadeira)*. E como eu estou satisfeito! Até que enfim esse pessoalzinho de arrelia, com a sua ausência, vai conceder-me momentos de tranquilidade e de frutuoso estudar. *(Levanta-se e sai)*.

LÚCIA

Mamãe, eu acho que o papai tem razão!

DONA IZAURA

É... Já se sabe... Tu achas sempre que teu pai tem razão! *(Noutro tom)*. Vou mandar botar o jantar. *(Sai)*.

LÚCIA

Por hoje basta de trabalhar *(sai também; a cena fica vasta em casa dos Vasconcelos; na dos Mascarenhas entram Augusto, a mulher, a filha e a nora; Augusto vem falando e as três mulheres o cercando)*.

AUGUSTO

Venham cá, minhas queridas! Falemos, baixo, agora, e que os vizinhos não nos ouçam! *(Indica a casa dos Vasconcelos)*. O meu plano é o seguinte: nos, como vocês sabem, ainda não poderemos este ano ir veranear com o conforto requerido para estações dessa natureza. Então o que nós faremos é apenas aparentar que nós retiramos desta capital quando, na realidade, o que teremos feito é trancarmo-nos muito caladinhos aqui dentro de casa e pagarmos à Faustina para ela dizer às pessoas que nos vierem procurar, e as que perguntarem por nós, que estamos a veranear. Compraremos a cumplicidade e o silêncio da Faustina por pouco dinheiro e ela ficará tomando conta da casa. Que tal? valeu? O que acham vocês?

ALZIRA

(Compungida). Mas, então, nós não vamos para Mosqueiro, realmente?

AUGUSTO

Não. Na realidade não iremos, é só para iludir!

ALZIRA E IRENE

Ora! Que pena!

DONA AMBRÓSIA

Meninas! Não vão agora com as penas de vocês estragarem o plano de Augusto. Eu acho a ideia magnífica. O veraneio só vale distinção social que confere aos que o praticam, mas nada. Se se vem a conseguir, por exemplo, um meio de harmonizar essas duas coisas: ir veraneiar e não sair da cidade, quer dizer, ter ido veraneiar para todos os efeitos, sem que, no entanto, venha a sofrer as despesas e os inconvenientes do veraneio. Isso, francamente, não deixa de ser ótimo!

AUGUSTO

Agora gostei de ouvi-la minha mulher, *(elevando a voz com afetação e quase gritando)*. Oh! meninas, já iniciaram as arrumações? Já escolheram os vestidos? Já mandaram prevenir a costureira? Olhem que isso não se faz da noite para o dia. Providenciem logo! *(Sai)*.

DONA AMBROSIA

(Com pressa afetada). Vejam os últimos figurinos! Oh! Alzira, mexe-te! Anda, menina sem préstimo! E a Faustina? Onde está a Faustina? Faustina! Faustina! Essas criaturas me põem maluca! *(Vendo a nora que ficou amuada desde que soube que o veraneio é de mentira)*. E a senhora, minha nora, por que está a olhar-me com esses olhos tão feios? Eu comi algum boi?

IRENE

Ora, não seja idiota, por favor! Fale menos, que é melhor.

DONA AMBRÓSIA

O que, sua atrevida? Veja como está respondona este traste! Malcriada! Quando meu filho te tirou da lama e te fez gente é porque tu realmente não prestavas!

IRENE

Não me insulte sua zebra velha!

DONA AMBROSIA

O quê? Zebra velha?

IRENE

Zebra velha!

DONA AMBRÓSIA

Eu te ensino (*avança para cima da nora; Alzira atraca-se com a mãe gritando "socorro!" Augusto entra*).

AUGUSTO

Que é isso minha mulher? Que escândalo é esse?

DONA AMBRÓSIA

(*Colérica indicando a nora*). É essa peste que me põe fora de mim!

IRENE

Peste é a senhora! (*Palmas fora. Passos. Entra Bonifácio Boaventura*).

BONIFÁCIO

Eu não preciso anunciar-me. Vou entrando! Não sou de cerimônia (*vendo o tumulto, estende ambos os braços grotescamente*). Como diria o personagem de Eça: "Paz, cristãos e amigos".

AUGUSTO

(*Apaziguador*). Oh! Minha mulher! Minha nora! Acabem com isso! (*As duas saem, cada uma para seu lado resmungando*). Senta-te Boaventura. Então, o que há de novo?

BONIFÁCIO

Nada (*com um gesto significativo*). Tu sempre às voltas com esse tumulto em casa, não?

AUGUSTO

Ah! Isso é um caso sério!

BONIFÁCIO

Desse mal também me queixo eu! Lá em casa também é outro inferno. Então dias há em que minha sogra só falta me engolir vivo!

AUGUSTO

É um horror! (*Lembrando-se*). Ah! sabes, nós vamos para Mosqueiro, veraneiar...

BONIFÁCIO

É bom, é bom... Felizes dos que podem veraneiar! Só eu que não posso, sem muito sacrifício. Mas é bom... E depois – sabes? – pode ser até que a mudança de ares influa no gênio de tua mulher.

AUGUSTO

(*Com ironia que o outro não percebe*). É verdade! Ainda não tinha pensado nisso! Pode ser até que os ares de Mosqueiro curem o mal gênio de minha mulher! Que Deus te ouça meu amigo!

(*Cai o pano*).

FIM DO ESPETÁCULO

Pós-fácio

Por Mailson Soares⁽¹⁰⁾

Entre a luta e o sonho, ele se encantou...

Levi Hall de Moura seria um bem-sucedido jurista paraense se não tivesse cometido o “pecado de ter ideias próprias”, aferiu seu irmão Sílvio Hall de Moura, ao assumir o cargo de desembargador nesta mesma cidade. O fato de agir conforme o que acreditava, possivelmente, logrou a este intelectual e homem das artes – que tem nesta publicação sua dramaturgia trazida a público –, o sucesso que deveria ter em vida. Contudo, tal conduta, conferiu-lhe, acredito, a dignidade daqueles que agem conforme sua consciência e suas atitudes.

Talvez, se tivesse agido de outro modo, teríamos hoje na capital do estado, praça, rua ou monumento com seu nome, homenageando sua importância e destaque enquanto figura de seu tempo. Porém, isto não aconteceu. O que encontramos a seu respeito, tanto em notícias de jornais, como em outros documentos, assim como, nas palavras daqueles que o conheceram, é que Levi Hall de Moura, em épocas difíceis de repressão, preferiu a rebeldia à comodidade. E, tanto na advocacia, quanto no jornalismo, opôs-se e denunciou as injustiças cometidas pelos governos ditatoriais.

Em 2007, a Academia Paraense de Letras o homenageou, naquele ano, se comemorava o centenário de seu nascimento. Na ocasião, sua trajetória assim foi descrita, brevemente: Escritor, jornalista, filósofo e magistrado, foi um dos mais ilustres intelectuais paraenses do século passado e referência não só para os 14 filhos, mas para qualquer estudante dedicado que batesse à sua porta⁽¹¹⁾.

Podemos ainda acrescentar a seu respeito: militante associado ao partido comunista, professor, advogado, folclorista e dramaturgo. Levi Hall de Moura foi um homem que viveu intensamente seu tempo. Defendeu presos políticos e afro-religiosos, em uma época em que isso poderia custar sua vida. Inúmeras vezes, juridicamente, agiu a favor dessas duas categorias, que naquele período “caminhavam à

(10) MOURA, Sílvio Hall de. Atividade extratécnica, Belém, Cejup, 1981Academia Paraense de Letras.

(11) LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. “Nossos intelectuais e os chefes de mandinga”: repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951). Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2011.

margem da lei”; uns por oposição ao governo, outros por simplesmente exercerem sua fé; ambos contrariando as “normas vigentes”. Pois bem, este seria um prólogo, para destacar antes de tudo o humanista, uma vez que, lidas as ações de um homem, estas nos apontam com a clareza de um farol em alto mar, uma rota, dentre tantas, para a leitura de suas obras.

Assim, convido-vos, leitores atentos que já percorreram estas páginas, a não esquecer “*uma terra encantada que fica entre Marapanim e Maracanã, onde há muitas praias*” (p.21), ali repousa a fantasia do autor, também ali é morada de coisas belas, que só quem já sonhou e lutou pelo que se sonha é capaz de enxergar. Naquelas praias de mar salgado está sempre à espreita um homem vivido a diluir, a tecer, nas linhas de suas cenas o viés político que lhe foi tão caro a vida toda. Então, eu pergunto aos incautos, como é possível, esquecer das justiças e injustiças cometidas na terra, quando se escreve para teatro em épocas tão duras, pergunto mesmo: “*a senhora nunca ouviu falar nessa terra, comadre?*” (p.21).

Este é Levi Hall de Moura em seus textos dramáticos, um menino, um sonhador, um contador de causos, um indagador. Um homem que, no momento da criação cênica, provavelmente, tivesse ali um refrigerio, diante de tantas lutas diárias. Pois combativo como era, talvez, sonhasse um dia, depois de esforço indomável, deixar ser vencido ou vencedor de todas as contendas, olhar “*os dragões, tão imaginados, desaparecem*” e ao fundo, ao final daquela batalha mais uma vez despojar-se no mar, naquela “*praia de areias alvas...*” (p.66). Sim, é bem possível que desejasse um dia descansar, e que melhor local para repouso, senão ao abrigo da brisa praiana, visto o mar estar presente, de modo belo e pulsante em mais de uma de suas peças: “*Ah! sabes, nós vamos para Mosqueiro, veranear...*” (p.106).

Eis, pois um autor solar, alegre, criativo, com toques dramáticos precisos de tirar o fôlego. Porém, a saudade, a denúncia fina, o riso e a inocência falam bem mais em suas peças “*as estrelas do céu correm, eu também quero correr, elas correm atrás da lua, e eu atrás do bem-querer*” (p.71).

Desse modo, sigo embarcado na dramaturgia deste autor, levado pelas ondas do mar, conduzido pelas memórias de infância. E, quando súbito, estanco, é não somente para contemplar o artista, mas também o homem – uma vez que não se descolam –, a figura que se eleva e que se faz necessário não ser esquecida. Levi Hall de Moura foi grande. E como um de seus personagens, não morreu, se encantou... E de lá da encantaria, nos acena e sorri com dignidade “*minha mãe quando me teve, na baixa do Humaitá, para não ser descoberta, lançou meu corpo no mar, as mães*

d'água me pegaram, levaram para criar” (p.82). E ele, tecelão da escrita, ao ouvir os cantos das mães d'água, seguiu o encanto e fez jus à inspiração quente e úmida das águas amazônidas!

Evoé Levi!

A leitura das peças de Levi Hall de Moura nos (en)leva ao mundo dos mitos, dos mistérios, dos vocabulários da região, dos conflitos entre vizinhos, amantes, às casamenteiras, aos rituais de curas, credices e, para nos deleitar um pouco mais, nos leva, ainda, a um mundo encantado. Levi prima pela boa escrita, pelo humor elegante, o que nos torna próximos de suas tramas tecidas em terras e águas amazônidas, tão presentes nas interações humanas. Cláudio Barradas, homem das letras e do teatro, assim define a escrita de Maiandeua, do escritor-dramaturgo Levi Hall de Moura: “Ah quão poética! Que Beleza! Quanta força! Urge montá-la o mais breve possível”.

Bene Martins

**Projeto Memórias da Dramaturgia Amazônida:
construção de acervo dramático.**

Idealizadora e coordenadora: Bene Martins

Coleção Teatro do Norte Brasileiro

Programa de Pós-Graduação em Artes

PPG **Artes**
Programa de Pós-graduação
em Artes da **UFPA**



Direcione seu celular
para o QR Code ao
lado, e conheça os
livros da Editora
PPGArtes.

